

Cumbuca

Articul - Ano II • Nº 7 Setembro/14 R\$15,00



EDISE

ISSN 2327-5337





EDISE Expediente

**Editor**

Amaral Cavalcante

Produção

Sônia Pedrosa

Design Gráfico

Ananda Barreto

Clara Macedo

Felipe Ferreira

José Clécio

Designer Convidado: Marcos Ribas

Ilustradores: Edson Lima e Felipe Ferreira

Revisão

Rosilene Santos

Vanessa Góes

Assessoria Técnica

Jeferson Melo

Consultores nesta edição:

Ana Libório

Carlos Cauê

Pascoal Maynard

Colaboradores - Neste Número

Aline Braga (jornalista) • Rian Santos (jornalista) • Moema Pascoini (blogueira) • Marcos Cardoso (jornalista) • Jackson da Silva Lima (historiador e folclorista) Jorge Carvalho do Nascimento (professor e jornalista) • Fabiana Carnevale (diretora do Memorial de Sergipe, UNIT) • Pedrito Barreto (jornalista) • Ezio Déda (poeta) • Nairson Saquarema (poeta) • Gilza Borges (poeta) • Mário Resende (professor) • Darci Fonseca (blogueiro) • Luiz Eduardo de Oliveira (professor) • Amaral Cavalcante (poeta e jornalista)

Cumbuca

Ano II | Número 7

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79)3205-7421

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE



Governo do Estado de Sergipe

Governador

Jackson Barreto

Secretário de Estado de Governo

Benedito de Figueiredo



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

Jorge Carvalho do Nascimento

Diretor Industrial

Milton Alves

Diretor Administrativo-Financeiro

Carlos Alberto Leite Prado

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

Ao Leitor

Aos leitores: A arte que emerge das ruas será sempre contraditória aos cânones estabelecidos: desde a indiferença aos espaços tradicionais de difusão até a apropriação de temas mais condizentes com as inquietações presentes no coração de qualquer cidade, em qualquer tempo. Ela resulta do vigor criativo de jovens e de artistas excluídos, comprometidos com a renovação de ideias e, conseqüentemente, com processos de produção cultural inovadores.

Cumbuca lhes apresenta, na matéria que abre esta edição e motiva a sua capa, os mais expressivos movimentos alternativos de arte que ocupam, atualmente, as ruas de Aracaju: O “Sarau de Baixo”, no Viaduto Carvalho Déda; o movimento “Maré Maré”, de ocupação da Praça Fausto Cardoso; e a “Feirinha da Gambiarra”, realizada mensalmente na Rua Riachuelo pelo coletivo “Intera”.

O trabalho de dois artistas plásticos sergipanos encontra-se aqui divulgado: do pintor Anderson Camilo e do excepcional ilustrador Thiago Neuman. Também, oferecemos aos leitores matéria sobre a bailarina Lu Spinelli, uma hippie que revolucionou a arte da dança em terras sergipanas, além de uma preciosa matéria sobre o glamour dos concursos de Miss em Sergipe, nos tempos em que eles significavam o ápice da elegância na sociedade local.

Continuamos apresentando aos leitores, nesta edição, figuras referenciais em nossa política e cultura, a saber: Marcelo Déda, Luiz Antonio Barreto, José Carlos Teixeira e do coronel Walter Menezes, herói sergipano na Segunda Guerra.

Na seção de poesia, segue o trabalho dos poetas Ezio Déda, Gilza Borges e Mailson Saquarema. Na sequência, em um texto academicamente fundamentado, o professor Luiz Eduardo Almeida expõe o seu parecer sobre a existência de uma arte que possamos caracterizar como genuinamente sergipana, mote proposto pelo saudoso Elvinho Maciel, na edição anterior de Cumbuca.

Por fim, a Cumbuca 7 se encerra com a crônica “Pirão de Capão”, de autoria do editor.

Amaral Cavalcante
Editor

46 - WALTER DE MENEZES PAES

Um herói esquecido

Fabiana Carnevale

60 - POESIAS

Ezio Déda

Gilza Borges

Nairson Saquarema

80- EXISTIRÁ UMA CULTURA GENUINAMENTE SERGIPANA?

Luiz Eduardo Oliveira

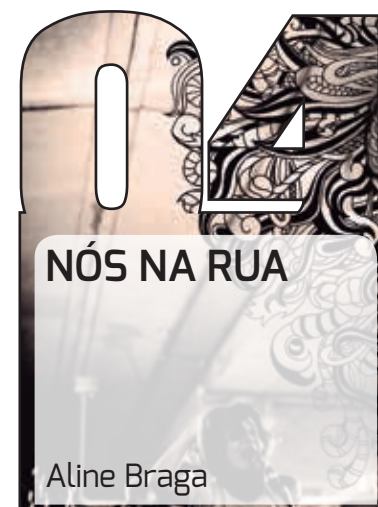
84 - PIRÃO DE CAPÃO

Amaral Cavalcante



“Nós na rua”
Ilustração de
Felipe Ferreira

sumário



NÓS NA RUA

Aline Braga



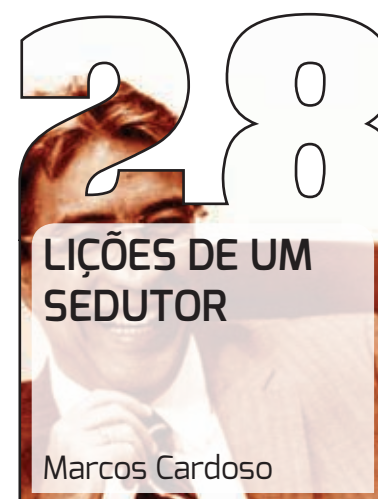
ANDERSON
CAMILO: O FRUTO
DO TEMPO

Rian Santos



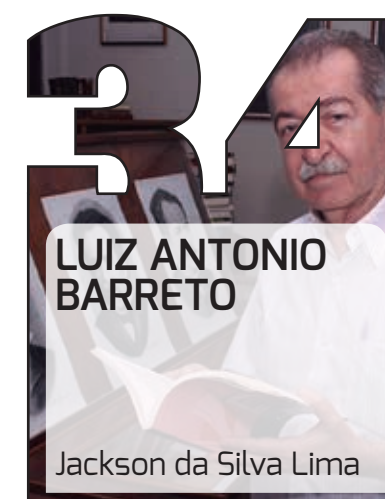
A ARTE E A FÚRIA
DE THIAGO
NEUMANN

Moema Pascoini



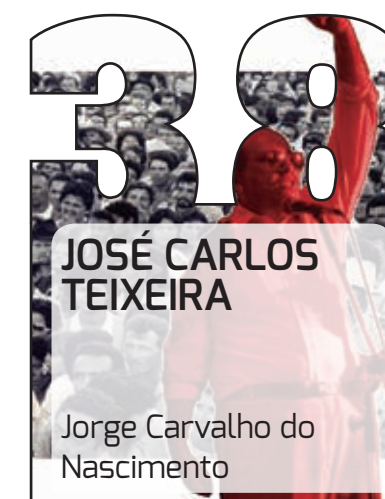
LIÇÕES DE UM
SEDUTOR

Marcos Cardoso



LUIZ ANTONIO
BARRETO

Jackson da Silva Lima



JOSÉ CARLOS
TEIXEIRA

Jorge Carvalho do
Nascimento



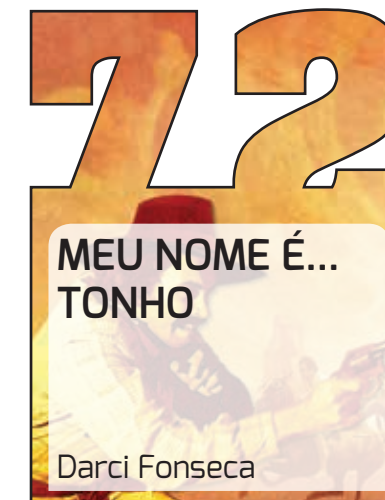
MISSES
NOS TEMPOS DO
GLAMOUR

Pedrito Barreto



LÚ SPINELLI

Mário Resende



MEU NOME É...
TONHO

Darci Fonseca



NÓS NA RUA

Aline Braga

Agora é a hora e a vez do “vem pra rua”, disseram o Rappa e as manifestações de junho de 2013. O seu lugar, aquele que acolhe – ou que pelo menos você anseia que assim o faça – está cada vez mais lá fora. É aquele grito de coletividade que, a despeito do imperativo de ser globalizado ou do violento sentimento de insegurança, vem ecoando por aí.

Ilustrações: Felipe Ferreira

Um lugar pra chamar de seu. Em qualquer parte do mundo, esse lugarzinho não é mais seu quarto ou o cantinho do sofá na sala de estar. Teorias à parte, parece que quanto mais as pessoas têm a tecnologia à mão, mais percebem como é bom se aglomerar em público. Bem desprentensiosa, a satisfação de participar de um Flash Mob diz muito sobre tomar um lugar para si, nem que seja por alguns minutos. Em Aracaju, essas manifestações espontâneas, que não fazem ode ao comércio ou à bebedeira em si, não são vistas em qualquer esquina.

Mas existem! É um grito de ocupação que ecoa com sotaque bem sergipano, mais ou menos encorpado de rebeldia, em eventos como a Feirinha da Gambiarra, o Clandestino, o Sarau de Baixo ou mesmo o movimento que rola na calçada do Turco, que vende *kebab* na Orla de Atalaia, e que todo dia fica na frente do bar,

com um pé no picolé da calçada e a mão no queixo contemplando os transeuntes. O turco é tranquilo e os caras que decidiram chamar aquele espaço de seu e fazer um som, dar uma pegada mais cultural do espaço, também. Até aí nenhuma novidade – ou pouca –, afinal, todo mundo tem um bar para chamar de seu.

A questão é que há de se concordar que tem alguma coisa diferente no ar. Dentre os movimentos, com bases de militância política ou não, esse “vem pra rua” é cada vez mais legítimo. Eles têm provocado um sentimento de pertencimento tão essencial à memória afetiva, e de uma maneira diferente, porque apelam mais para o ‘estar junto’ e ‘produzir junto’ do que para o comercial. Para quem é da década de 80, ou parte dela, o melhor comparativo é o clima do Centro de Criatividade naquela época. Quem não sentiu uma

Feirinha da Gambiarra

Várias barracas ficam dispostas no quarteirão da rua Riachuelo entre Lagarto e avenida Gonçalo Prado Rolemberg. Os barraqueiros vendem comida, artesanato, peças antigas de decoração, bijouterias, roupa e muito de tudo. A cada edição, o Intera faz questão de pedir autorização de todos os vizinhos, conversando de porta em porta, além da autorização da SMTT, Emsurb, Polícia Militar e Secretaria do Meio Ambiente.



Foto: Jannaína Vasconcelos



Feirinha da gambiarra

Foto: Paula Virgínia

pulsção diferente ao frequentar um oficina de arte nas salas que ficam no sobrepiso ou um show na arena? É por aí, mas sem convergência, sem unanimidade, como tudo atualmente.

“A Feirinha nasceu da junção de ideias das várias cabeças criativas que fazem o evento, em especial a minha e de Alisson, que já participou de diversas experiências culturais sergipanas, como o Beco dos Cocos, por exemplo;

e eu com os bazares do Mercado Xique, que, nos últimos eventos, já estavam trazendo música, bazar e oficinas, num só cenário. Esse formato da Feirinha foi se concretizando aos pouquinhos”, explica Isabelle Ribeiro, bailarina, sensível e uma das mentoras da ‘Intera - Arte e Economia Criativa’. Ela e Alisson Couto (o Alemão) são sócios no amor e no projeto Intera, que funciona em uma casa na própria rua Riachue-

lo e que foi reformada pelos dois para ser espaço de produção e lar. A casa, inclusive, já foi mote de matéria do programa ‘Morar’, exibido no canal fechado GNT.

Isabelle e toda a turma que faz o Intera acreditam que o lance é válido, simplesmente porque as pessoas merecem um lugar onde se possa levar a família toda para curtir um domingo. “Especialmente um lugar que normalmente não tem ganhado o nosso

“Existe lugar
mais
nosso e de todo
mundo que a
rua?”
Isabelle Ribeiro,
Intera

olhar especial: a sua própria rua. Provocar essa sensação de pertencimento com o espaço urbano, com sua cidade, é uma das nossas propostas mais fortes com a Feirinha, com toda a certeza”.

Esse é o sentimento. E é tão contemporâneo que, de uma maneira com-ple-ta-men-te diferente, fluída, verdadeiramente desprestenciosa e quase anarquista, o pessoal do Cladestino tem feito a mesma coisa com bandas, um lugar provavelmente abandonado. Bem, um pouco de grana também. De acordo com Ivo Delmondes, um dos organizadores e sócio no restaurante Om Shanti, o evento é gratuito, mas nem por isso sem custos. “Temos que bancar equipamento, aluguel de gerador, gasolina, ajuda de custo para as bandas em turnê, etc. Tentamos fazer tudo de forma colaborativa, desde conseguir equipamento com os amigos até

passar o chapéu durante o evento para conseguir cobrir todos os custos. Às vezes dá; às vezes, não”.

O lance do Cladestino está mais para Le Parkour. Cada dia explora um lugar novo. Uma vez é o half abandonado do bairro Inácio Barbosa. Outro dia é no coração da cidade, na beira, ali na Ponte do Imperador. Já se vão 8 edições com esse espírito cigano e de tomar posse do espaço ao mesmo tempo. Tocaram por lá The Renegades of Punk, Robot Wars, Karne Krua, Triste Fim de Rosilene, Trimorfia, Mahatma Gangue (RN), Medialunas (RS), O Cúmplice (SP), Cãtãro (RN), Leptospirose (SP), Dança da Vingança (DF) e Soror (DF).

Para o Cladestino não tem agenda definida, não se sabe quando haverá o próximo. Escolha feita, a divulgação rola no dia do evento. “Mais importante que o lugar em si é a resignifi-

Ocupar espaços vai entrar na moda?

“Se é entrar na moda para dar sentido e vida aos espaços públicos na cidade, eu espero que isso aconteça. O abandono dos locais está ligado diretamente ao uso ou não. Assistir shows em lugares antes impensáveis é fantástico, foge na monotonia dos ambientes fechados e com bilheteria. Quando achávamos que o ‘faça você mesmo’ estaria fadado ao fracasso, surge algo potencialmente revigorante, que tem o poder de reinventar a cidade”.

Arturo Paganini



Foto: Paula Virgínia



Foto: Aquiles Castro



Foto: Fernando Correia



Foto: Snapic



Foto: Snapic



Foto: Fernando Correia

cação que ele obtém depois que acontece uma atividade como essa. É olhar o lugar novamente e enxergar não apenas concreto e paisagem, mas possibilidades”, conta Ivo.

Mesma coisa: ver e caminhar diferente pela rua Riachuelo, depois de ter sentido a vibe de um dia de Feirinha da Gambiarra. A semelhança acaba aí, porque o Intera, que realiza a feira, foi inaugurado em janeiro de 2014, tem um planejamento anual a seguir e vem aumentando sua rede de parceiros comerciais, desde o Sebrae a produtoras como a Café com Guaraná Filmes. O grosso do financiamento da casa vem das próprias oficinas e cursos realizados por lá.

Amante do *hardcore* e do punk rock, o jornalista e morador do Inácio Barbosa, Arturo Paganini, nunca frequentou uma feirinha, mas reconhece uma semelhança em relação ao Clandestino por serem propostas alternativas, *underground*, muito pela proposta de reinventar o uso do espaço público e pelo consumo de alguns bens a exemplo da música.

Arturo fez, espontaneamente, a cobertura fotográfica do último Clandestino e o que o atraiu foi, justamente, a ocupação do espaço público, principalmente do half, que nunca foi usado para o seu fim. “Então, aquele half, ao que parece, foi construído sem um projeto adequado. Lembro da sua construção, há mais de 20 anos, e poucos ousaram descer ali. Durante todo esse tempo, eu

vi aquele local ficar abandonado, e a ideia de usá-lo como palco de um show *undreground* foi sensacional. Ao menos por um dia aquele half sentiu um pouco de vibração”, se empolga.

Iconoclastas e militantes, o pessoal do ‘Sarau de Baixo’ tem suas ressalvas em relação ao uso do termo *underground* e desconstroem qualquer tentativa de enquadramento nesse processo de ocupação do espaço público.

O Coletivo Sarau de Baixo organiza, há um ano, o evento

“Quem disse que a Ponte do Imperador deve ficar à espera de reis que nunca virão ou os coretos das praças se manter em silêncio?”
Ivo Delmondes, Clandestino

que acontece embaixo do viaduto do D.I.A. Em termos de planejamento, não estão para a Feirinha nem para o Clandestino. O evento acontece toda terceira terça-feira de cada mês. E até quando? Até quando a indignação provocar essa vontade de ocupação, principalmente das demandas sobre o âmbito político e sobre a atenção destinada à cultura pelo Poder Público. Isso

porque o que alavancou o mote do sarau foram as manifestações do meio do ano passado.

Em Aracaju, eram ali embaixo do terminal do D.I.A. que as manifestações terminavam. Houve confronto com policiais. Houve encontro de anseios de artistas da nova geração. Virou sarau.

“A ideia é fazer uma ocupação cultural com o objetivo, não somente impulsionar a literatura, mas estimular o direito à cidade, que a gente consiga viver a cidade”, pontua Pedrão, 25 anos, poeta, jornalista, e que acha irrelevante informar seu sobrenome. O evento do terminal, também ao lado do maior teatro de Sergipe, é uma crítica à maneira como a cultura é conduzida no Estado. “A nossa produção cultural não cabe nos editais. Por não saber é que a gente está na rua. A resposta a gente não tem. Não somos nós do Sarau que vamos dizer. A gente é muito pequeno para dizer a todo o estado o que é melhor”, diz Pedrão.

Ele, o poeta Allan Jones e a estudante de Letras, Débora Arruda, são cabeças pensantes centrais no Sarau. Encarnados com a maneira de dizer não do ‘Movimento Não Pago’, que atuou em duas frentes – judicial e protestou nas ruas – durante o ano passado contra o aumento da tarifa do transporte coletivo, os atuais integrantes do Sarau foram aparecendo aos poucos. Por lá aparecem rappers, rimadores, poetas, jovens, boa parte destes com seus 20 e poucos anos. Há sempre um tema pairando, seja de



Fotos: Fernando Correia



Foto: Jannaína Vasconcelos



Fotos: Snapic



Pedrao no movimento maré mare

“Não tenho resposta para o que vai ser o sarau em cinco anos. O que nós queremos é mudar”.
Pedrao, Sarau Debaixo.



conjuntura nacional ou estadual. Já abordaram o caso Amarildo, os assassinatos no Rio de Janeiro. E já passaram por ali Dona Nadir, Agapito, poetas de outras cidades, a banda Reação e muitos outros.

Nas terceiras terças, eles declamam poesia, dançam, cantam, vendem fanzines, trocam ideias e não se torturam por encontrar uma possível solução para o que hoje encaram como equivocado. Entre as críticas, a péssima estrutura dos aparelhos de cultura da cidade, a distribuição de verba para a cultura, a ocupação da cidade pelo Pré-Caju, supervalorização dos artistas de fora, e por aí vai. “O governo não deve investir

no artista. Deve investir no direito à Cultura. É uma coisa que vem antes. Cultura é um direito assim como moradia e transporte devem ser garantidos como direito, para além do desenvolvimento individual”, defende Pedrao.

Estar ali, naquele espaço, é uma disputa pela cidade. Pode-se chegar sem precisar de carro. É democrático porque todos podem chegar ali. Eles tentam sempre terminar dentro do horário em que ainda há ônibus para voltar para casa. E é em casa que os anseios voltam a incomodar, e a rua é cada vez mais o caminho da coletividade. Ultimamente, Débora não tem gostado de lugares fechados.

A inclusão clandestina

Entrevista com Ivo Delmondes

Como surgiu o Clandestino?

Nós, que organizamos o Clandestino, temos bandas ou participamos dessa comunidade “faça-você-mesmo”, de alguma forma, e estávamos sentindo a dificuldade de tocar nos espaços da cidade. No momento, havia poucas casas abertas à possibilidade de shows com essa proposta punk e isso foi cansando a gente. Essa saturação nos levou a querer fazer tudo de outra forma, subverter a ideia da produção de show apenas como balada ou como relação comercial entre artista e público. O próximo passo foi ligar o gerador e reclamar a cidade de volta.

Existe a pretensão de que cada vez mais pessoas se integrem ou é algo mais para diversão?

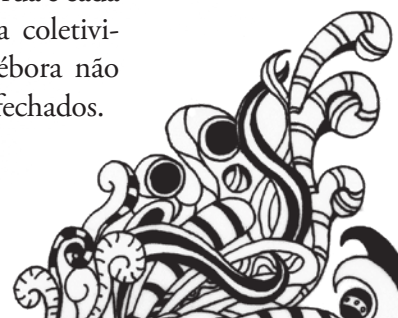
Na verdade, nenhuma dessas situações definem o que a gente quer. Se cada vez mais pessoas se identificarem com o que estamos tentando fazer, isso é ótimo

e elas são bem-vindas. Porém, não é isso que estamos procurando (quantidade). Queremos com o Clandestino instigar as pessoas a tomarem suas vidas de volta, se sentirem autônomas para nadarem contra a corrente, se preciso for. Não somos produtores e não estamos atrás de clientes, queremos que as pessoas se envolvam no processo para além do dinheiro, serviço e álcool. Há muito mais a se aprender com a contra-cultura do que nós imaginamos. Por isso, também não se trata de “diversão da galera”. Nós nos divertimos, obviamente, mas a ideia é justamente mostrar que até nesse campo cultural pode haver uma declaração política,

algo a se dizer e a se fazer. Uma mulher mais sábia que a gente disse: “Não é minha revolução se eu não puder dançar”.

Ocupar a cidade em si é um desafio ou está aí para quem estiver a fim de fazer?

Definitivamente está aí para quem quiser fazer. Quem disse que a ponte do imperador deve ficar a espera de reis que nunca virão ou os coretos das praças devem se manter em silêncio? É tudo nosso, vamos viver a cidade, fazer história da nossa própria forma. Não precisamos esperar por editais, não precisamos que o Estado nos diga o que é ou não é culturalmente relevante. Nós podemos mais. 





Escape
Técnica assemblage
40 x 60cm
Exposição Cinemark 2007
Acervo: Anderson Camilo

ANDERSON *Rian Santos* CAMILO

*O fruto do
tempo*



Anderson
Camilo

Foto: Crec Leão

“**U**ma febre tardia”. É assim que Anderson Camilo define o eco das vanguardas históricas sob as camadas de tinta do próprio trabalho. A pesquisa criteriosa, dedicada às experiências que excitaram a práxis artística até os limites da exaustão, mundo afora, resultaria estéril, contudo, sem um entendimento íntimo com os seus. Zines, baratos & rock’n roll. Camilo é fruto do próprio tempo.

Triste de Aracaju se não fossem os anos 80. A agitação panfletária que conectava o *underground* local ao resto do mundo, via Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, foi suporte de uma sublevação estética ainda em vias de valoração adequada. A rede subterrânea alimentada por folhas de papel A4 que corriam de mão em mão, replicadas em xerox apagadas, fazia mais do que co-

lher as mensagens que desafiavam monstros e oceanos na barriga de uma garrafa. Os formatos variavam, mas a pegada gráfica dos principais fanzines que erguiam o dedo sobre a calma da província colocavam a sombra gótica da Catedral e os muros no centro de Nova Iorque no mesmo lugar simbólico. Basta dar um saque no *Automazzo* de Madureira. Nunca mais fomos tão ousados.

A primeira experiência de Camilo com a distorção da imagem, expulso das quadras de vôlei em função de alguns centímetros a menos, se deu justamente com a publicação de um zine, batizado *Picaretas Reais*. Vida curta. Durou apenas dois números. A brincadeira pretendia apenas uma paródia das revistas de circulação nacional, por meio de recortes e colagens, mas acabou determinando uma relação duradoura e muito profícua com o fenômeno efêmero da plástica.

**1.
A corda**

Acrílico sobre tela
60 x 80cm
2013
Acervo: Mario Britto



**2.
Ciclista**

Acrílico sobre tela
70 x 80cm
2013
Acervo: Jorge Carvalho



**3.
A maçã**

Acrílico sobre tela
130 x 130cm
2014
Acervo: Jorge Carvalho



Foto: Janaina Vasconcelos



4.
Balarinas
Acrílico sobre tela
40 x 60cm
2013
Acervo: Ana Libório

5.
Desejo
Acrílico sobre tela
40 x 60cm
2013
Acervo: Miguel Brito

6.
Espinha dorsal da memória
Acrílico sobre tela
40 x 60cm
2013
Acervo: Anderson Camilo

Lá se vão 15 anos de murro em ponta de faca.

“A gente não sabia ainda, nem se importava com isso. Mas nos grandes centros urbanos os nossos rabiscos seriam chamados de arte”, declara Anderson Camilo.

Demorou uma década inteira para os bastardos de Warhol e Basquiat ganharem as paredes de uma galeria. Foi obra e graça do sempre atento Antônio da Cruz, então diretor da Álvaro Santos. O ambiente artístico da cidade era dominado pelo academicismo figurativo que relincha ainda hoje. A Expoart, no entanto, impôs a existência de gente como o já citado Madureira, Augusto César Chagas e Fúria, além do próprio Camilo. Como todos os marcos, não foi fixado sem barulho.

“Foi muito louco. Os frequentadores da Álvaro Santos nunca gostaram de gente mal vestida, que bebe muito e fala alto. A gente era assim mesmo, e o trabalho, que

finalmente recebia a chancela do município, reproduzia a negação dos modelos acadêmicos. Eles nos viravam a cara”, diz Camilo.

“Eles” eram os outros, atropelados por um senso estético de urgência que sinalizava um caminho sem volta. A intuição estava na ordem do dia, a fúria do gesto se impunha sobre técnica e pinceladas. Nos anos seguintes, uma nova geração de artistas, os novos jamais premiados no Salão anual da Álvaro Santos, faria de tudo um pouco: Intervenções urbanas, performances e instalações, longe demais das capitais.

A maré subiu muito, advertindo a ressaca. Foi quando Camilo começou a temer pela própria sorte, assaltado por pesadelos nos quais era enterrado vivo. Chegou a idealizar uma exposição sob o signo do tema macabro, mas lhe faltavam energia, disposição e condições materiais. Sobrava medo.

De qualquer modo, o recado estava dado. Hoje, apesar da apatia que mais uma vez domina o cenário, ainda muito dependente de surtos criativos individuais, é impossível fazer um apanhado das experiências artísticas mais relevantes da aldeia sem mencionar os impulsos dos bárbaros. Produzindo como louco, expondo, vendendo bem, finalmente lúcido, Camilo é a prova viva de que valeu a pena. “Não foi em vão”. **G**

Camilo por Camilo

“Penso que a principal característica do meu trabalho, hoje, não é simplesmente a forma, a estética, e, sim o movimento, a narrativa visual, os planos, as cores. Assim como a vida, tudo é muito efêmero, e o máximo que posso proporcionar ao observador é defini-lo. Daí fico livre para pensar em outras coisas”.

A arte e
a fúria

He's in love with rock'n'roll!

Moema Pascoini

de Thiago
Neumann



Já na primeira vez que nos cruzamos, rolou uma rápida identificação. Imediatamente iniciamos uma amizade que foi muito trabalhada durante madrugadas inteiras de muito rock'n'roll girando na vitrola, café, conversas jogadas fora, quadrinhos e desenhos...muitos desenhos. Posso dizer que, ainda que a frequência com a qual eu

Antes de começar a escrever, tinha que colocar o Clash pra rolar. O assunto, por assim dizer, pedia. E realmente, ao som de Janie Jones, com as guitarras de Joe Strummer e Mick Jones, os desenhos ganham outra áurea.

Esse sempre foi o tipo de música que inspirava e incitava ao álcool e à rua e, por ser um gosto compartilhado, imagino que para Cachorrão vinha também o desejo do desenho.

veja seus trabalhos seja realmente alta, ao longo desses 14 anos de amizade e convivência, sempre tem aquele traço que faz com que eu pense “esse cara é um sacana”.

Garageland

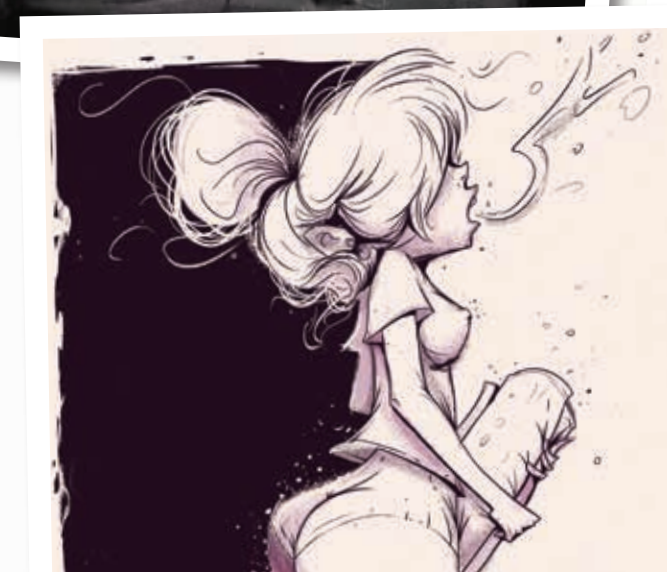
No início era o skate e o *hardcore*. E nessas duas coisas, uma espécie de fama já o seguia. No skate, junto com o pessoal da Resistência – grupo de skatistas punks que andavam pelo centro de Aracaju, entre os anos 1990 e 2000 – o papo era o de que não havia banco de praça que resistisse à fúria do seu carrinho.

Enquanto isso, durante os ensaios, a Cicatriz enchia um quarto fechado de 3x3m com o mais puro *noise*. O vocalista era aquele mesmo cara dos desenhos e dos bancos de praça quebrados, e quem assistiu aos shows, na época, com certeza tem na memória as suas performances, sempre classificadas como “brutais” entre a galera do meio e que contrastava bastante com o jeitão pacato que apresentava no dia a dia.

Career Opportunities

Apesar da música do Clash representar uma realidade mais fria, aquela Inglaterra onde os jovens acabavam trabalhando em fábricas, ou qualquer outro emprego que realmente não correspondia às suas vontades, o caso de Cachorrão foi outro.

Do rabisco na folha do caderno escolar até hoje, muita coisa aconteceu. Já são quase 10 anos de trabalho profissional, rendendo muito traço no papel.

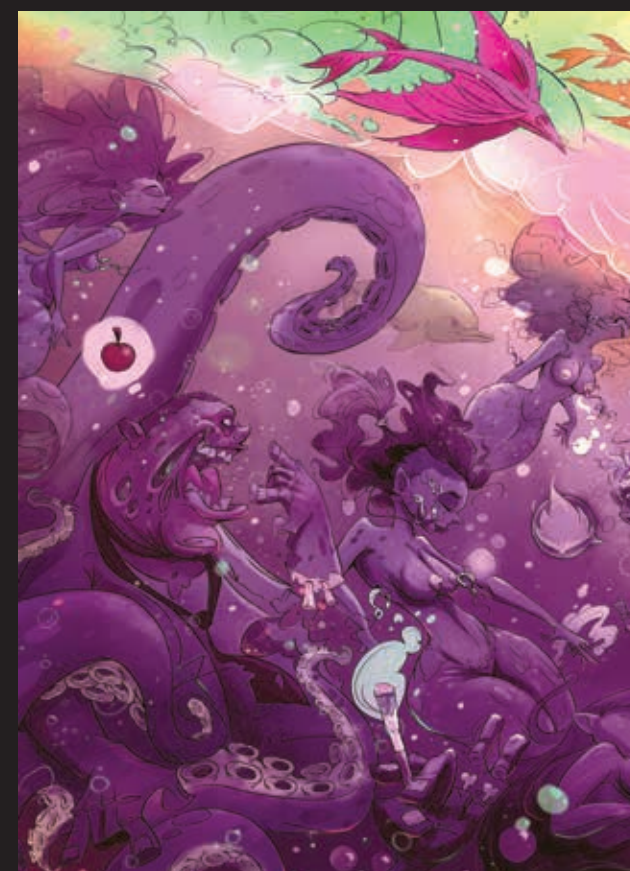


Desde o seu primeiro trabalho, fazendo ilustrações para matérias de ensino à distância, ele foi acumulando admiradores por todos os lados.

Talvez por proporcionar uma imersão pessoal intensa, e por ser tão facilmente dinfudível, o trabalho com ilustração permite que a pessoa viaje muito através dos seus desenhos. E é exatamente isso o que acontece com ele.

Na contramão do fluxo habitual de quem trabalha com arte, Cachorrão nunca morou fora do estado, mas seus trabalhos são reconhecidos não só em outros lugares do Brasil, como também em muitos países. Recentemente, o ator Joseph Gordon-Levitt (o protagonista do filme “500 dias com ela”) publicou um desenho seu em sua página oficial no Facebook. Cachorrão colabora em

um projeto desenvolvido por Joseph, chamado “hitRECORD”, onde pessoas de vários lugares trabalham juntas na criação de projetos específicos. O desenho publicado, uma baleia-ecossistema, tem levado cachorrão na garupa por mares afora, e foi o mesmo trabalhado anteriormente realizado pelo artista John “Darkmessiah” Harrison, que fez uma releitura da ilustração, tra-



zendo-a pro mundo real através de uma escultura.

Outra menção recente ao seu trabalho veio do site Design Bolt, publicação que desenvolve a temática do design em suas mais variadas aplicações. A equipe montou uma seleção do que foram consideradas “As trinta melhores embalagens de salgadinhos” e o produto que ele ajudou a criar, fazendo a ilustração, aparece em 9º lugar, dividindo o espaço com marcas como Doritos, Kellogg’s e Ruffles.

E quem quiser uma jogatina personalizada, pode buscar o “Projeto 54”. Desenvolvido pelo pessoal da El Cabritón (loja de artigos desenvolvidos por designers, localizada na Rua Augusta, em SP), o projeto envolve 54 artistas na criação de um baralho, e traz ilustração de Cachorrão em uma das cartas, mais especificamente o dois de paus.

Hoje, ele divide seu tempo entre o trabalho na Lumentech (empresa desenvolvedora de games), os *freelas* e os desenhos autorais.

“Sair da zona de conforto aumenta as possibilidades, trabalhar com arte não quer dizer que preciso estar em uma galeria ou ser um miserável. Significa ter uma carreira, ter consciência das fraquezas, ter paixão e dedicação, identificar as possibilidades do meu trabalho e por onde ele pode escoar”, argumenta.

Dirty Punk

Apesar de ter todo esse reconhecimento, o mais marcante na carreira de Cachorrão, também conhecido como Thiago Neumann,



não é o que falam sobre ele, e sim o seu desenho. Traços versáteis que conseguem variar entre uma estética mais suja e pegadas mais sutis, com uma dinâmica de cores que só melhora a cada nova ilustração.

Segundo Cachorrão, seus trabalhos são uma grande miscelância de influências que passam pelos games de 16 bits, e cruzam o material do Greg Capullo para Spaw, os quadrinhos do Marcatti, e o desajustado e genial trabalho de Robert Crumb.

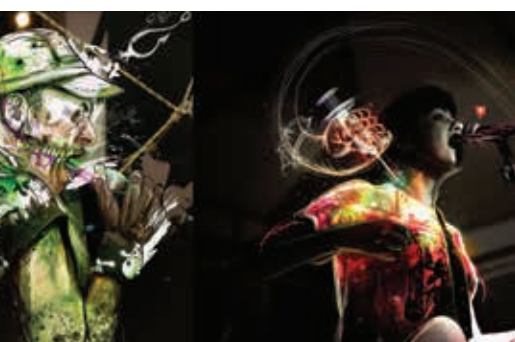
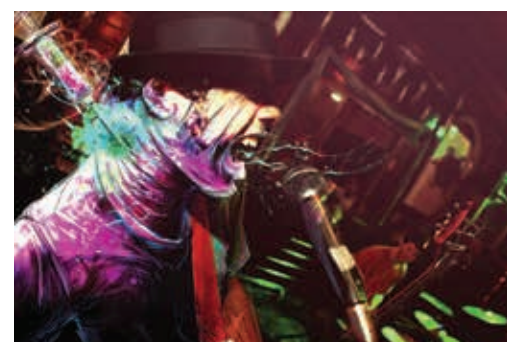
“Conhecer a maneira com que o Crumb apresentava os casos em suas histórias me deu uma outra perspectiva para os desenhos. Ele e toda aquela cambada da geração do underground de 60: Rick Griffin, Gilbert Shelton e aquela rapaziada da Zap Comix”, conta.

Em seus desenhos, vamos encontrar essa galera toda, além da vivência que ele traz da cena rock. E como uma maneira de reforçar ainda mais essa conexão, Cachorrão assina, também, a arte de muitas bandas e vários cartazes

de shows. Boas capas de discos já passaram por sua mesa.

O cara é uma figura que, com certeza, já deixou sua marca nos mais diferentes círculos através dos seus desenhos. Não importa se é em trabalhos publicitários, editoriais, games ou no seu velho caderno de rascunhos. O traço é inconfundível e traz o reconhecimento imediato.

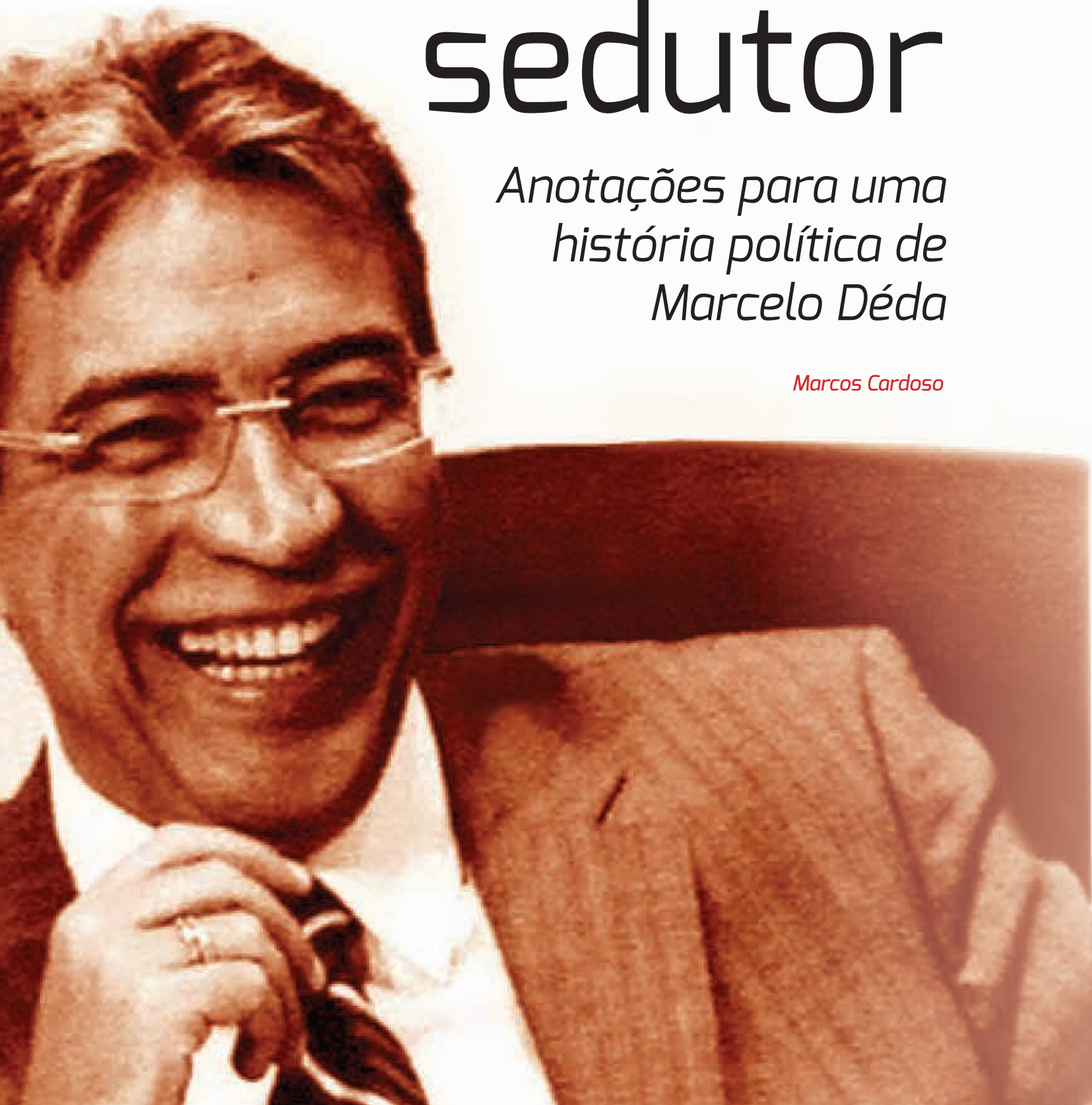
Quando perguntado sobre seu trabalho, ele é direto: “a ilustração mantém a minha ordem”. Sorte a nossa. 



Lições de um sedutor

Anotações para uma história política de Marcelo Déda

Marcos Cardoso



Marcelo Déda era um sedutor. A verve irrequieta, a simpatia encarnada no jeito familiar de se relacionar com os iguais e os diferentes, o raciocínio ligeiro, a capacidade de perscrutar a memória prodigiosa e colocar as palavras certas nos lugares adequados faziam dele um homem fascinante. Claro que o fato de ser bonito contribuiu para torná-lo mais atraente. E vaidoso.

A jornalista Mônica Gugliano, que cobria a Câmara Federal quando Déda lá chegou em 1995, aos 34 anos, fez um depoimento para O Globo, lembrando que, inteligente, habilidoso político e bom frasista, ele logo virou uma referência para os jornalistas que cobriam as atividades da Casa.

“Mas estaríamos faltando com a verdade ou omitindo uma partezinha dela se ignorássemos que o deputado de risada franca e aberta, gentil no trato com a imprensa, conquistava corações”, ressalta ela, acrescentando: “Déda era um colírio para os olhos da mulherada. Ao ser eleito líder da bancada petista, as jornalistas, informalmente, passaram a referir-se a ele como líder e gato”.

Quando se despediu da liderança, ainda segundo Mônica, teria dito: “Finalmente não sou mais líder. Agora, sou só gato”.

Mas por trás daquela persona que irradiava beleza, gentileza e alegria escondia-se um aristotélico animal político. Puro sangue. Intelectual sabedor de sua função social, Déda se destacou pela paixão como procurou compreender, desde sempre, a política, essa arte complexa que rege a relação entre cidadãos e sociedades. Era possuidor de sensibilidade agu-

“Déda se destacou pela paixão, como procurou compreender, desde sempre a política, essa arte complexa que rege a relação entre cidadãos e sociedades.”

çada para apreender o sentido do interlocutor e, ao mesmo tempo, perceber os anseios coletivos.

Exigente e, às vezes, até rude com quem trabalhava com ele, *pero mas sin perder la ternura jamás*, tinha a humildade de buscar aprender com os adversários e a capacidade de perdoar. Tornou-

se amigo e aliado de primeira hora de Edvaldo Nogueira, o ex-estudante de medicina comunista, que derrotou o seu grupo na disputa pelo DCE da Universidade Federal de Sergipe. Edvaldo sucedeu a Déda na presidência do diretório estudantil, no começo dos anos 80, num embate fundamental na formação da sua práxis política.

E, em 1987, ao chegar à Assembleia Legislativa com púberes 26 anos, após marcar posição em eleições anteriores para deputado estadual e para prefeito de Aracaju, quando apareceu como estrela em ascensão, Déda se aproximou daquele que mais conhecia sobre a engrenagem e as vicissitudes parlamentares, o deputado e ex-vice-governador Djenal Tavares de Queiroz. O general do Exército, que poderia ter sido o adversário mais duro, deixou-se seduzir pelos sentimentos honestos daquele barbudinho com ideal socialista.

“Seu avô era assim como você. Ele dava a palavra e cumpria”, contou o próprio Déda ao jornalista Osmário Santos (*Memórias de Políticos de Sergipe no Século XX*, 2002), citando comparação do velho deputado-general com o seu avô, jornalista, rábula e também deputado constituinte,



Na campanha "Diretas já"

Foto: Jairo Alves

de 1947, José de Carvalho Déda. Marcelo inspirou-se na intelectualidade do avô, mas teve contato com a política e com a história da esquerda sergipana na barbearia de seu Edgar Ribeiro, comunista histórico que trabalhava numa esquina da rua Socorro, onde morava o estudante do Atheneu, que veio de Simão Dias para concluir o primeiro grau em Aracaju.

O jovem Déda foi um deputado constituinte atuante, que deu coloração importante à Carta Estadual promulgada em 1989. O menino que chamou a atenção na paupérrima estreia eleitoral do PT, em 1982, e se sobressaiu ao só perder para o fenômeno Jackson Barreto na primeira eleição nas capitais pós-ditadura, tornou-se, ali, reconhecido como político de verdade. “Esse garoto daria um excelente deputado federal”, vaticinou o jornalista paulista Ivan Rodrigues, então diretor de jornalismo da TV Sergipe,

impressionado com a capacidade de articulação e com o discurso da revelação petista.

Não se reelegeu porque não votou a favor da cassação do prefeito então acusado de superfaturar obras e serviços, o que pareceu alinhamento com o úni-

co governador do PFL, Antônio Carlos Valadares. Pode ter avaliado mal, mas foi por imaturidade e convicção. E o povo sergipano soube reconhecer que ali havia mais do que um suposto algoz do popular e corajoso político emedebista e concedeu-lhe a eleição para deputado federal, em 1994.

Voltas que o mundo dá: Valadares e Jackson tornaram-se cor-religionários e amigos. “Só quem não conhecia o governador Marcelo Déda poderia duvidar da facilidade com que os adversários se dispunham a lhe estender a mão, tal o respeito que ele lhes dedicava e tamanho o espírito conciliador de que era dotado. Déda fazia da política uma atividade maior, em que o benefício da sociedade era sempre o seu objetivo primeiro. Na sua prática política não havia lugar para mesquinharia, apenas para o diálogo e para ges-



Com o companheiro Lula da Silva

Foto: Jairo Alves

tos de grandeza”, desabafou, no Senado, o político do PSB que sofreu dura oposição de Déda enquanto governador, no final dos anos 80. Estavam juntos desde a campanha de 2002, quando ele se reelegeu senador e José Eduardo Dutra, candidato ao governo, foi derrotado no segundo turno por João Alves Filho.

“O que iremos guardar de Marcelo Déda é a sua jovialidade e a sua capacidade de aglutinar tantas forças para elaborar um projeto que trouxe muitas mudanças para Sergipe. Ele foi um guerreiro e sua grande obra foi a honradez, a dignidade e a ética que sempre nortearam seu caminho e sua vida pública”, disse Jackson Barreto, quando se tornou governador de fato e de direito, em dezembro de 2013.

Déda se apaixonou de vez pela política na dura e surpreendente – para os militares – eleição de 1974, quando assistiu na TV a Jackson Barreto e Jonas Amaral, dois resistentes da ditadura que se elegeriam deputados estaduais. Foi a eleição em que Gilvan Rocha, também do MDB, elegeu-se

“

Déda fazia da política uma atividade maior, em que o benefício da sociedade era sempre o seu objetivo primeiro.



Déda conduz reunião de bancada na câmara dos Deputados

Foto: Stuckrt



Com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva

senador, derrotando nada menos que o mito Leandro Maciel. E José Carlos Teixeira elegeu-se deputado federal. Esses são os precursores do que Déda viria a se tornar depois. Só que Marcelo Déda foi maior do que todos eles.

Ninguém, por acaso, vence seis eleições consecutivas, dentre as quais, duas vezes para deputado federal, sendo o mais votado em 1998, e ganhando quatro disputas para cargo executivo no primeiro turno, duas vezes para prefeito de Aracaju (2000 e 2004) e duas vezes para o governo de Sergipe (2006 e 2010), derrotando o experiente e respeitado João Alves nos dois embates, inclusive quando o “Negão” era o governador do Estado, em 2006.

Nos sonhos de Lula, Déda estaria no Senado em 2015. “Eu acho que estão faltando tribunos com envergadura no Senado e o Déda poderia ser um senador extraordinário. Ele poderia ser o tribuno que está faltando no nosso país”, disse o compadre, Lula, durante o velório no Palácio Museu Olímpio Campos, acariciando a cabeça daquele

com quem guardava uma relação quase de pai para filho. “Além do PT perder um quadro extraordinário como Marcelo Déda, a gente perde uma das grandes realidades políticas desse estado”, concluiu o ex-presidente, uma referência indiscutível.

Como referência, também o foi Ibarê Dantas, professor de Ciência Política na UFS, “um

homem que foi fundamental em minha formação”, nas palavras do próprio Déda. “Eu lia nos manuais clássicos do Marxismo, ele me trouxe Gramsci, que foi fundamental para que eu mudasse a minha imagem de mundo”.

Ensinaamentos que fizeram dele não um esquerdista sectário, um socialista frustrado, mas um homem ciente da grandiosidade

de sua função e consciente de que não foi inventado do nada, porque outros vieram antes dele, como sinalizou no discurso de posse no governo, em 1º de janeiro de 2007:

“Sou filho de uma geração e, como representante dessa geração, eu sei o que devemos às outras que nos antecederam. Um filho cuja história, com paciência e tempo, tece a sua multifacetada tapeçaria que nos liga a outras eras e a muita gente. Nos liga, por exemplo, à tradição oligárquica de Fausto Cardoso, o grande herói urbano de Aracaju, o tribuno eterno de Sergipe que sacrificou a vida no altar das suas ideias e fez-se símbolo e exemplo para todos os que buscaram a modernização política, a justiça social, a democracia e o fim dos conluí-

“
Não sou capaz de decifrar os enigmas de Deus. Deus é insondável. O que ele está querendo com isso, não sei e nunca saberei. Mas me compete, na história, que é no terreno onde sempre operei, buscar fazer aquilo que me fez.

Marcelo Déda

oligárquicos. Não deixa, pois, de me emocionar que justo em 2006, quando a revolta de Fausto Cardoso completou cem anos, um centro-esquerda com forte

apelo antioligárquico e indiscutível perfil mudancista conseguisse levantar Sergipe numa revolução pelo voto, produzindo a vitória que hoje me traz aqui à presença de Vossas Excelências para em nome do povo sergipano assumir o governo do Estado, trazendo no coração o compromisso democrático e popular e nas mãos as bandeiras das mudanças”.

O que pode ser arrematado com o que disse de 2013, já alquebrado pela doença, ao sancionar o projeto do Proinveste: “Não sou capaz de decifrar os enigmas de Deus. Deus é insondável. O que ele está querendo com isso, não sei e nunca saberei. Mas me compete, na história, que é no terreno onde sempre operei, buscar fazer aquilo que me fez Marcelo Déda”. E assim o fez. 



Foto: Jorge Henrique



Luiz Antonio Barreto

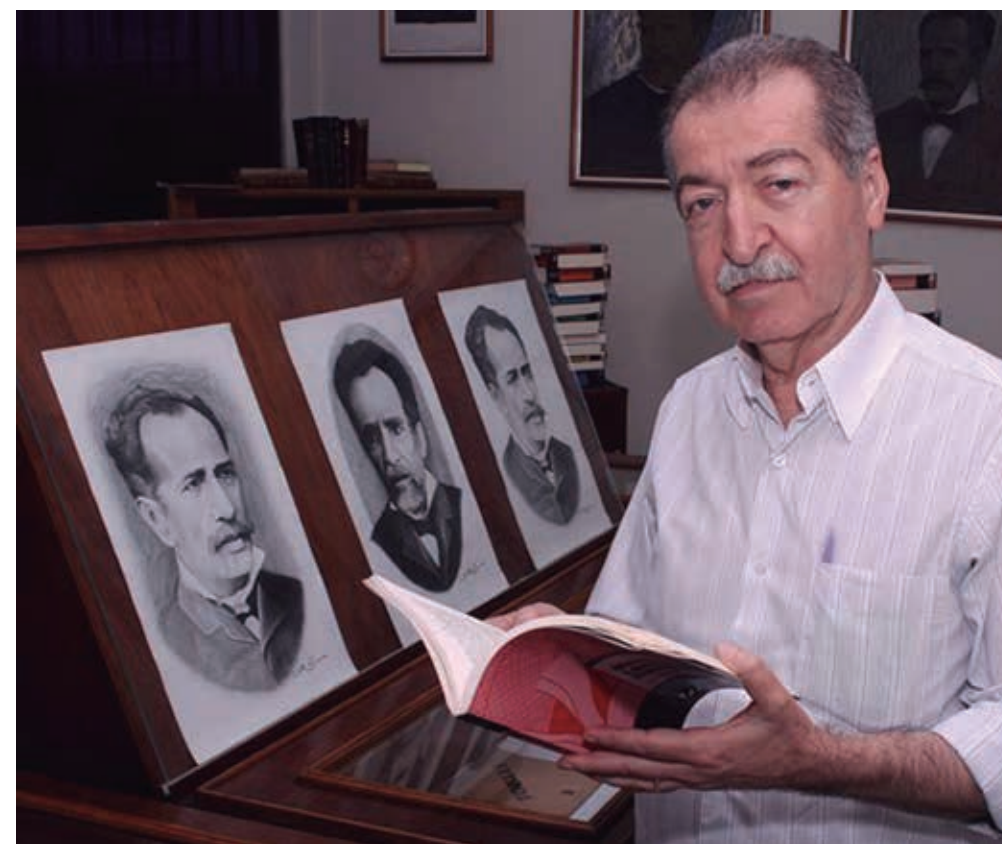
O Paladino da cultura sergipana

Jackson da Silva Lima

Não seria exagero nenhum eleger-se Luiz Antonio Barreto como *o primus inter pares* das letras e das artes em Sergipe, nos últimos cinquenta anos. Nenhum outro intelectual sergipano fez tanto na divulgação de obras e eventos locais, com um sem número de iniciativas pioneiras, promovendo o nosso Estado ao patamar artístico-literário mais elevado da pátria brasileira.

Impossível enumerar-se tudo que ele fez, dentro e fora do nosso Estado, em prol dos nossos valores e bens culturais, desde os dezoito anos de idade (1962) até abril de 2012, quando veio a falecer. Durante a sua vida de adolescente e de adulto, sempre sonhou alto no entressono agitado dos verdadeiros eleitos na condução de ideias e realizações culturais meritórias.

Isso só foi possível mercê dos seus ensaios preparatórios na juventude em vários domínios da inteligência: música, teatro, pintura, jornalismo, campanha de alfabetização, programas de rádio, conferências literárias interioranas, etc. Todo um largo espectro de atividades intelectualizadas, que lhe serviriam de base teórica ao seu amadurecimento científico,



com os subsequentes trabalhos de pesquisas em geral, históricas, geográficas, antropológicas, particularmente as de natureza folclórica. Nessa última área, nos idos de 1968, inscreveu seu nome entre os poucos pesquisadores nordestinos sérios, com gravações de Violeiros Repentistas na Feira de São Cristóvão, lá no Rio de Janeiro, ou gravação de Cantadores de Coco em Alagoas, na Feira de Maribondo, ao lado do renomado pesquisador Théo Brandão, de quem era amigo, e que tivemos a honra de registrá-la em CD, trinta e nove

“

Lúcido, dinâmico, sempre em busca de novos horizontes, tornou-se o primeiro, sem favor nenhum, no agenciamento cultural e defesa da memória sergipana, tanto no campo erudito como nos domínios das tradições populares.

anos depois (2007), digitalizando as vozes de Hilton da Capela, Curió da Uruba, Pedro Guida d'Atalaia e Carlito do Cajueiro.

Durante os anos em que residiu no Rio de Janeiro (1968-1970), sempre esteve à frente das atividades literárias, como Assessor do Presidente do Instituto Nacional do Livro, General Umberto Peregrino; reativou a Livraria “Organização Simões”, que lhe presenteou o conterrâneo Antônio Simões dos Reis, com a edição de novas obras, inclusive o livro raro de João Ribeiro, intitulado *O Folclore*. Por essa época, conviveu com a nata dos intelectuais cariocas, críticos literários, como Fausto Cunha, romancistas, como Assis Brasil, poetas de vanguarda, como Vladimir Dias Pina. Inclusive, presenciamos, na Livraria São José, sua conversa com Carlos Drummond de Andrade, homem de poucas palavras, meio esquisito, pouco afeito a bate-papos em público, e muito cioso de sua privacidade. Luiz Antonio sabia abrir portas, era mestre escolado em fazer amigos e parceiros culturais, principalmente entre os intelectuais da velha guarda.

No seu retorno à pequena pátria, continuou com o mesmo dinamismo, a despeito dos óbices e preconceitos que se lhe antepuseram a cada passo. Sobreviveu a duras penas, sempre pugnando pelas coisas nobres do espírito, e, em dia nenhum, deixou de acreditar no poder da cul-



tura e na missão heroica que lhe estava reservada por toda a existência, daí a sua inquebrantável fé de Prometeu encarnado, ao enfrentar mentalidades insensíveis e adversidades de toda ordem, para não deixar morrer a chama intangível do conhecimento e das manifestações estéticas que acalentam o sonho humano, do berço ao túmulo, distinguindo o homem de qualquer outro animal do reino da natureza. Muitas vezes, paladino de causas perdidas, diante das quais, ele, de antemão, não se dava por vencido, ia à luta inglória, até fazer renascer das velhas cinzas novas centelhas, mesmo que o brilho fosse efêmero e passageiro.

Viveu intensamente os seus dias de vida, em casa e, principalmente, fora de casa. Adorava bater papo com amigos em bares e restaurantes, saber das coisas

e de pessoas, de todas as partes do mundo, conhecer novos lugares. Dormia pouco, e disso fazia questão, na filosofia de que a existência era curta, e tinha



Com amigos na Confraria do Cafezinho - Shopping jardins

muito tempo para fazê-lo depois da morte, quando do sono eterno. Curtia livros e objetos de pesquisa, fundando, por conta própria, entidades e institutos culturais, sempre voltados para a memória de Sergipe e dos seus vultos mais representativos. Em todos os cargos que ocupou, no Estado e Município, pôs em prática essa característica, tornando-se ela, por assim dizer, sua marca cultural registrada, e que pode ser resumida em uma simples expressão: amor obsessivo à sergipanidade.

Seria enfadonho enumerar suas publicações em livros e periódicos, como escritor e jornalista, suas realizações culturais, quando ocupante de cargos ou funções públicas. Por cerca de cinquenta anos, exerceu o quotidiano ofício de escrever, escu-

“

Viveu intensamente os seus dias de vida, em casa e, principalmente, fora de casa. Adorava bater papo com amigos em bares e restaurantes, saber das coisas e de pessoas, de todas as partes do mundo, conhecer novos lugares.

do em suas leituras e pesquisas de campo inovadoras, como se ele próprio fosse uma central de ideias. De uma forma ou de outra, nunca abandonou o semeio



Com a esposa Railane

nos terrenos sáfaros da mentalidade provinciana, cujo lema rotineiro se traduz em “eu não faço e nem deixo ninguém fazer”, com o objetivo único de evitar o destaque cultural desse ou daquele idealista, ficando todos, por assim dizer, reduzidos à mesma estatura mirim de pigmeus, presos nas cadeias da intolerância, sempre dispostos a atirar no semelhante a primeira pedra.

Há vinte anos (1994), em comemoração ao cinquentenário de Luiz Antonio Barreto, o Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento organizou a excelente obra – *Cultura: Um Roteiro de Alusões*, na qual põe em relevo a diversificada atuação do escritor: Jornalismo, Edição, Agenciamento Cultural, Folclore, Crítica Literária, Criação Literária (poeta), Sociologia,



História, Educação, Música, além da completa informação curricular do homenageado. De nossa parte, dela participamos com enfoque dos aspectos menores, estudando-o como poeta, ficcionista ocasional e pesquisador de campo na esfera do conto popular. Para os interessados em conhecer Luiz Antonio Barreto de corpo inteiro, como intelectual e agenciador de ideias, a consulta à citada obra é mais do que necessária, sem se falar nos diversos livros por ele produzidos nos anos seguintes, escritos com mão de mestre e segurança própria da maturidade.

Com a sua morte súbita, a Cultura Sergipana ficou exposta, irremediavelmente exposta, como uma criança abandonada. E só nos resta o seu exemplo de incansável batalhador, o culto da sua memória inesquecível e a preservação do precioso legado que nos deixou. **■**



Fotos: Luiz Carlos Moreira

JOSÉ CARLOS TEIXEIRA

Jorge Carvalho do Nascimento

As iniciativas que tomou como empresário, agitador cultural e político marcaram a vida de José Carlos Teixeira ao longo da segunda metade do século XX e da primeira década do século XXI. O seu trabalho no comércio, na indústria gráfica e na mídia caracterizaram a sua atividade empresarial. A sua atividade como agitador cultural, principalmente nos anos em que liderou a Sociedade de Cultura Artística de Sergipe – SCAS e quando tomou a iniciativa de organizar a Orquestra Sinfônica de Sergipe, durante os anos em que exerceu o cargo de secretário de Estado da Cultura sintetizam a sua pujança como agente cultural. Mas, foi como político que fundou o partido de oposição e liderou a luta contra a ditadura militar em Sergipe que ele deixou a maior marca do seu trabalho.

A fundação do MDB



Dr. Ulisses Guimarães e a bandeira do MDB

José Carlos Mesquita Teixeira nasceu no dia três de maio de 1936, em Aracaju, mas foi registrado pelo pai como nascido em Itabaiana. Em 1950, estudando no Colégio Estadual Athenou Sergipense, foi militante da União Sergipana dos Estudantes Secundaristas – USES, ao lado de Jaime Araujo e Tertuliano Azevedo. Anteriormente, vivera outra experiência no movimento estudantil secundarista, quando morou no Estado da Bahia, participando ativamente da campanha “O petróleo é nosso”, nos anos finais da década de 40 e no início da década de 50. De acordo com o entendimento do militante comunista Wellington Mangueira, “José Carlos foi preparado para a vida no mundo do trabalho. O pai era empresário, mas ele começou ganhando a vida no balcão da loja, medindo e rasgando pano na empresa Tecidos Teixeira. Era um homem trabalhador, que pegava no pesado”. Na verdade, inicialmente, o patriarca Oviedo Teixeira não via com bons olhos a

predileção do filho pela atividade política, como revelou em depoimento gravado em 2007:

Eu não queria que José Carlos fosse político. Eu quis que José Carlos fosse um comerciante. Ele já estava iniciando muito bem no comércio. Era o meu sucessor, eu não tinha dúvida. Mas, entrou na política, junto com a campanha de Seixas Dórea. Seixas Dórea com aquele entusiasmo e José Carlos saiu logo candidato a deputado federal.

Em 1962, o projeto inicial de José Carlos Teixeira era ser candidato a deputado estadual pela legenda do Partido Republicano – o PR, sensibilizado que fora pelo líder daquela agremiação, o deputado Armando Rollemberg. Uma das principais lideranças do PSD, Celso de Carvalho, tomou conhecimento de decisão de José Carlos Teixeira e o procurou, sugerindo que ele mantivesse uma conversa com Francisco Leite Neto, o principal dirigente do partido em Sergipe. Leite Neto, mesmo sendo aliado do PR, ao tomar conhecimento do fato,

convenceu José Carlos Teixeira de que ele tinha condições de se eleger deputado federal pela legenda do seu partido. Candidato a senador, Leite Neto tinha interesse em compor uma chapa com nomes fortes de candidatos a depu-

“ José Carlos havia participado dos debates nacionais que resultaram na fundação do Movimento Democrático Brasileiro, sob a presidência do senador acreano Oscar Passos.

tado federal, de modo a fortalecer a sua candidatura ao Senado. Ao final do processo, José Carlos Teixeira foi o deputado mais vo-

tado da legenda do PSD, obtendo mais votos que Edélzio Vieira de Melo, o candidato oficial do partido, e também mais sufrágios que Armando Rollemberg, do PR, o nome mais forte da coligação PSD-PR. Após a sua eleição, José Carlos Teixeira adquiriu o Sergipe Jornal, que pertencera a Paulo Costa, logo depois transformado em Diário de Sergipe. José Carlos havia participado dos debates nacionais que resultaram na fundação do Movimento Democrático Brasileiro, sob a presidência do senador acreano Oscar Passos. No projeto de fundar o partido da oposição, o único respaldo que José Carlos Teixeira encontrou nas grandes lideranças empresariais de Sergipe foi aquele oferecido pelo seu pai, Oviedo.

No exercício do mandato de deputado federal, José Carlos Teixeira assumiu a condição de aliado do presidente João Goulart e fez alguns pronunciamentos no Congresso defendendo as reformas de base propostas pelo chefe do Poder Executivo.

Ligado também ao líder do PSD na Câmara, Tancredo Neves, José Carlos revela que ao tomar conhecimento do golpe militar de 1964, imediatamente buscou dialogar com Tancredo para saber qual a orientação dada pelo partido aos seus parlamentares. Na verdade, no primeiro momento, todos estavam atônitos e sem um plano de reação articulado, principalmente depois que o presidente João Goulart saiu de Brasília com destino a Porto Alegre, de onde seguiu posteriormente para o exílio no Uruguai.

A minha maior preocupação era com a prisão do governador Seixas Dórea, de Sergipe. Foi preso, levado para a Bahia, mas ninguém tinha notícia dele. Ocupei a tribuna da Câmara e fiz um pronunciamento duro, cobrando explicações. Pedi uma audiência ao ministro da guerra, que era Costa e Silva. Fui a ele cobrar informações so-

bre o governador Seixas Dórea. Os jornalistas Carlos Castello Branco e Evandro Carlos de Andrade me deram ampla cobertura nos jornais O Globo e Jornal do Brasil. Eu era

A minha maior preocupação era com a prisão do governador Seixas Dórea, de Sergipe. Foi preso, levado para a Bahia, mas ninguém tinha notícia dele. Ocupei a tribuna da Câmara e fiz um pronunciamento duro, cobrando explicações.

vice-líder do PSD e tinha responsabilidades. Recebi, na ocasião, também, muita solidariedade de Mário Covas e Humberto Lucena.

O jovem deputado, que assumira uma posição intransigente de defesa do governo João Goulart, via agora o presidente deposto e os militares exercendo o poder. José Carlos Teixeira era uma das poucas lideranças políticas de Sergipe com projeção nacional a assumir a posição de organizar a resistência oposicionista à ditadura militar. Quase todos os membros das bancadas federal e estadual haviam assumido a filiação ao partido governista, a Arena. Também militante e parlamentar do MDB durante os chamados anos de chumbo da ditadura, o governador de Sergipe, Jackson Barreto de Lima, é incisivo ao depor sobre o papel exercido por José Carlos Teixeira:

José Carlos Teixeira desempenhou um papel fundamental para a história da democracia do nosso país aqui em Sergipe. Se não fosse ele, a sua família, a sua coragem, o seu idealismo, não haveria como

segurar esse projeto aqui em Sergipe. Ele lutou por idealismo, porque sabia que este projeto era um projeto caro do ponto de vista econômico, era um projeto difícil do ponto de vista político, era um projeto audacioso. Era José Carlos sozinho para lutar contra tudo e contra todos. Os que estavam enfrentando a ditadura no MDB naquela época eram os discriminados, os que não tinham direito a nada, os perseguidos, os chamados marginais para o regime militar.

Com o estabelecimento do bipartidarismo, o nome do jovem deputado ficou muito forte. José Carlos optou pela oposição, e teve sempre a obstinação como marca da sua ação política, como recorda o engenheiro agrônomo e ex-vereador Rosalvo Alexandre:

Lembro de José Carlos Teixeira jovem, em 1966, lutando para organizar o Movimento Democrático Brasileiro. Eu era estudante secundarista e já era ativista político no

Atheneu Sergipense. Ele estava na Praça Camerino, sobre a carroceria de um caminhão, dando um discurso, conclamando a juventude a se filiar ao MDB. Nós tínhamos saído da aula no Atheneu e eu fiquei impressionado com aquela imagem, ele discursando, cercado de poucos estudantes. A maioria passava, mas eu fui dos poucos que parou para ouvi-lo. E gostei. Eu tinha 17 anos de idade, já estava totalmente fascinado pela política, e gostei daquela cena. Eu fiquei observando a coragem daquele homem, fazendo aquela conclamação, criticando o governo. Eu não tinha a menor ideia do que era a ditadura.

Num Estado onde a política partidária tradicionalmente era dominada por grupos oligárquicos que se dividiam principalmente entre udenistas e pessedistas, era muito difícil a criação de um partido como o MDB que se propunha a ser, num momento delicado da vida brasileira, um

instrumento de renovação dos métodos políticos. A atitude de José Carlos Teixeira ao fundar o MDB em Sergipe no ano de 1966, era um gesto ousado para um deputado que estava chegando ainda aos 30 anos de idade e que se encontrava no exercício do seu primeiro mandato parlamentar. Fora eleito a primeira vez pela legenda do extinto Partido Social Democrático – o PSD e agora aceitava a tarefa de organizar em Sergipe o partido que faria oposição à ditadura militar.

Durante todo o período da ditadura militar no Brasil, as atividades do MDB em Sergipe foram viabilizadas economicamente pelo apoio que o partido recebeu das empresas da família Teixeira, principalmente da Norcon, empresa de construção civil comandada por Luiz Antônio e Tarcísio Mesquita Teixeira, filhos de Oviedo Teixeira e irmãos de José Carlos Teixeira, conforme assinala Jackson Barreto:



Com o Governador Celso de Carvalho



Ladeado Augusto Franco, Celso de Carvalho e Seixas Dória



Foto: César de Oliveira

1. José Carlos Teixeira com os pais: Alda e Oviêdo Teixeira.
2. Com Bibi Ferreira.
3. Em família com a esposa Eugênia e a filha.
4. Com Jackson Barreto.
5. Com Viana de Assis e Hamilton Marciel.
6. José Carlos Teixeira aos 72 anos.

Era uma época na qual todos os usineiros, todos os banqueiros, todos os grandes comerciantes, as elites econômicas do Estado de Sergipe e do Brasil estavam a serviço do regime militar. Todos queriam aproveitar. A Norcon poderia muito bem estar incorporada a esse projeto. Um grupo econômico, uma família economicamente muito forte. A Norcon, naquele processo, teve um papel muito importante, fundamental para a sobrevivência da oposição. Se a oposição naquele momento não encontrasse a âncora que foi a Norcon, teria sido muito mais difícil organizar a luta contra a ditadura.

Mas, o fato é que, efetivamente, a partir da campanha de 1970 e até a que da ditadura em 1984, Luiz Antonio e Tarcísio Teixeira assumiram a responsabilidade pela organização da infra-estrutura necessária as atividades de propaganda partidária. O financiamento foi dividido principalmente entre os dois empresários

e Oviêdo Teixeira. A partir de então, o MDB de Sergipe sobreviveu fundamentalmente e organizou suas campanhas eleitorais sob o suporte financeiro da Norcon. “Eles foram baluartes que financiaram todo tipo de candidato. Os candidatos do partido viabilizaram suas campanhas eleitorais em face do apoio da empresa” – diz o médico José Hamilton Maciel Silva, velho militante e ex-presidente do MDB.

Para fortalecer o partido, José Carlos Teixeira criou, em 1978, o Jornal de Sergipe, buscando abrir espaços na mídia impressa uma vez que a maior parte dos veículos tinha compromissos políticos e econômicos com os grupos de poder que ocupavam espaços no Governo de Sergipe. O jornal teve suas instalações inauguradas no dia 18 de fevereiro de 1978 e começou a circular no dia seguinte, o domingo, 19 de fevereiro, impresso em um, à época, moderno parque gráfico.

José Carlos Teixeira já possuía experiência como empresário do setor. Fora, a partir de outubro de 1964, proprietário do Sergipe Jornal, adquirido posteriormente pela empresa Diários Associados, de Assis Chateaubriand, e transformado, em 1965, no jornal Diário de Aracaju.

Efetivamente, foi José Carlos Teixeira quem materializou a ideia de fundar o MDB em Sergipe e quem manteve a maior parte dos custos de financiamento do partido durante quase todo o período da ditadura militar. Os riscos políticos assumidos por ele foram elevados e, algumas vezes, o ônus que assumiu foi muito alto.

José Carlos sempre buscou seduzir não apenas aqueles que lhe eram mais próximos e também procurou alargar o horizonte dos quadros com os quais fundaria o MDB, mantendo contato com intelectuais, profissionais liberais e empresários que se dispusessem a integrar o partido oposicionista. **G**



Walter Paes recebeu homenagens em Estados como Pernambuco e Rio de Janeiro

Walter de Menezes Paes: um herói esquecido



General atuou na Segunda Guerra Mundial e é um dos mais expressivos sergipanos do último século, mas Sergipe pouco o conhece

Fabiana Carnevale



Um dos sergipanos mais expressivos do Século 20. Um homem com princípios e que deu exemplos de lealdade, bravura e amor à pátria. Um mito ainda anônimo em sua terra natal. O general Walter de Menezes Paes, um dos heróis da Segunda Guerra Mundial, enfrentou inimigos na Itália e acumulou medalhas em sua carreira militar. Foi homenageado em Estados como Pernambuco e Rio de Janeiro, Alagoas, Mato Grosso, mas ainda hoje é desconhecido em Sergipe.

Walter Paes nasceu em Aracaju, no dia 2 de janeiro de 1911, filho do médico e professor Alcebiades

Correa Paes e de Consuelo Menezes Paes. Alcebiades foi diretor dos colégios Atheneu Sergipense e Tobias Barreto. Já Consuelo era filha do ex-presidente Josino Menezes, abolicionista e republicano.

Depois de estudar o primário no Tobias Barreto, Walter dirigiu-se ao Rio de Janeiro, onde deu início aos estudos no Colégio Militar, em 1922. Foi capitão comandante do Esquadrão de Cavalaria. Integrou as equipes de futebol, atletismo, voleibol e basquete. Em 1928, ao concluir o curso, recebeu o título de agrimensor. Em março do ano seguinte, matriculou-se na Escola

Militar de Realengo. Foi declarado aspirante a oficial de infantaria em janeiro de 1932.

Concluiu o curso de educação física e de aperfeiçoamento de oficiais. As promoções de 2º e 1º tenente chegaram em 1932 e 1933, respectivamente. Ao atingir o posto de capitão em 1937, Walter Paes foi escolhido para a Força Expedicionária Brasileira.

Aos 33 anos, matricula-se na Infantry School (Fort Benning, Georgia USA) e segue para a Itália, como integrante do Regimento Sampaio. Era o oficial de operações do 3º Batalhão (S/3). Permaneceu na guerra de 20 de

agosto de 1944 a 8 de maio de 1945. Atuou em Torre de Nerone, Monte Castelo, Monte Belvedere, travessia do Rio Pó e outras operações bélicas.

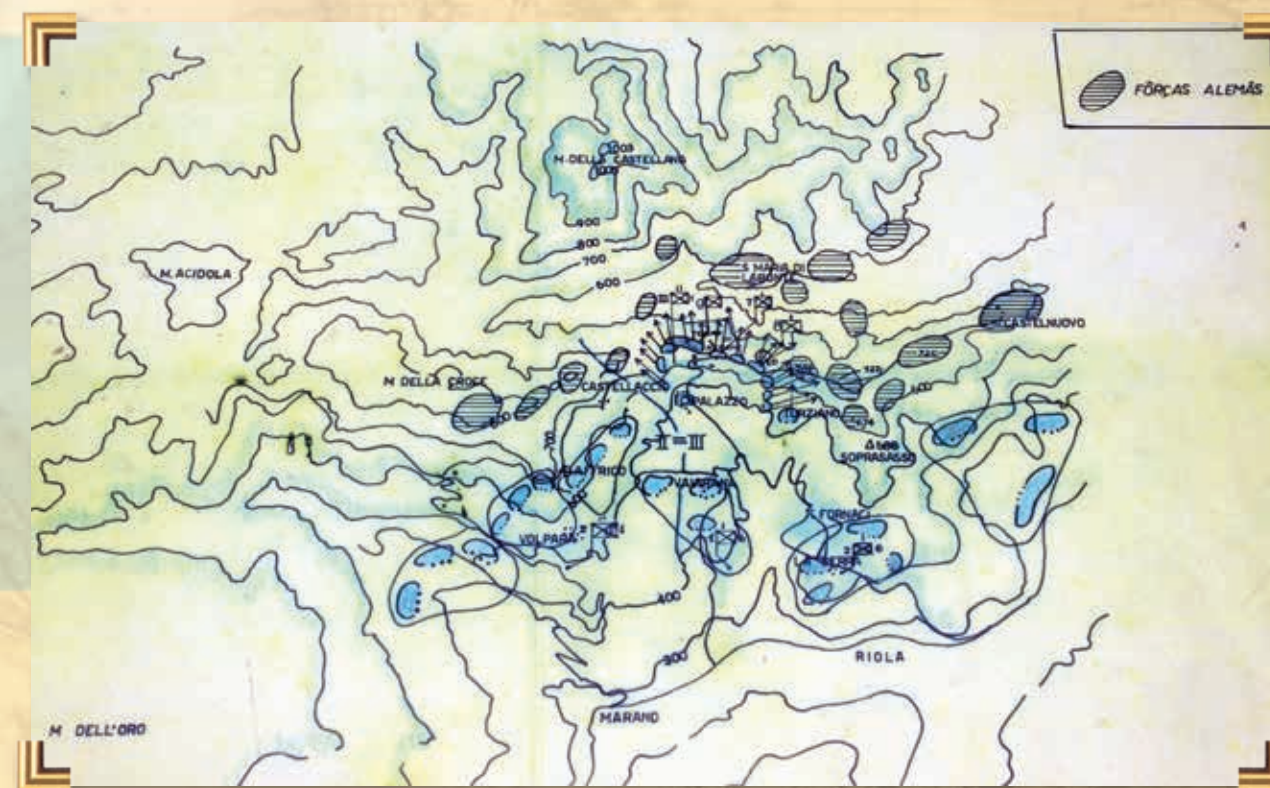
Terminada a guerra, Walter Paes ingressou na Escola de Comando e Estado Maior do Exército. Foi promovido a major (1948), tenente-coronel (1952) e coronel (1957). Concluiu a Escola Superior de Guerra, o “Cours Superieur Interarmées” na França, em 28 de março de 1957. Foi instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Eceme), comandou o 2º Regimento de Infantaria na Vila Militar e foi subcomandante

Um dos sergipanos mais expressivos do Século XX. Um homem com princípios e que deu exemplos de lealdade, bravura e amor à pátria. Um mito ainda anônimo em sua terra natal. O general Walter de Menezes Paes, um dos heróis da Segunda Guerra Mundial, enfrentou inimigos na Itália e acumulou medalhas em sua carreira militar.

da Academia Militar das Agulhas Negras (Aman).

Walter Paes alcançou o generalato em novembro de 1964. Foi diretor de Aperfeiçoamento e Especialização e, em janeiro de 1966, assumiu o comando do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ).

Segundo Arivaldo Silveira Fontes, no Jornal da Manhã de 25 de março de 1993, “Walter, o antigo aluno 547, relembrando os velhos comandantes Odoaldo de Moraes e Alcântara Júnior, assume a direção do tradicional educandário. Sua ação se faz sentir desde logo. Trata de melhoramentos materiais, incentiva o magistério, faz viver o Museu Es-



colar e as publicações escolares. A Revista Didática, criada em 1902 e desaparecida desde 1906, voltou a circular em 1968. A revista dos alunos, A Aspiração, criada em 1894, sofreu grande impulso, passou a circular duas vezes por ano, publicou artigos e poesias dos alunos do CMRJ e de outras instituições escolares”.

Em 1968, Walter Paes foi promovido a general de divisão. Deixou o Colégio Militar do Rio de Janeiro e passou a comandar a 9ª Região Militar em Mato Grosso. Em 1972 chegou, finalmente, a última estrela de general. Comandou o 4º Exército. Em 1974, dirigiu a Escola Superior de Guerra

(ESG). Nessa que foi a sua última comissão, incentivou a criação do mestrado de estudos brasileiros.

Walter deixou o comando da ESG em 1976, por ter atingido a idade limite (4 anos como general de exército) de permanência na ativa.

MEMÓRIAS DA GUERRA

Quarenta anos após ter servido na 2ª Guerra Mundial, Walter de Menezes Paes decidiu escrever o que chamou de “drama, sacrifício e glória” dos bravos soldados que constituíam o 3º Batalhão do Regimento Sampaio. Dividido em dois volumes, o livro foi pu-

blicado em 1991 e 1992, intitulado “Lenda Azul: a atuação do 3º Batalhão do Regimento Sampaio na campanha da Itália”.

A obra foi dividida em dois volumes, onde o general retratou com fidelidade, riqueza de informações e detalhes o dia a dia vivenciado nos Apeninos e no Pó, a sua luta e a de muitos companheiros, entre eles muitos sergipanos. Suas missões mais importantes foram os ataques a Monte Castelo, a defensiva em Monte Belvedere e Gorgolesco, e a ofensiva da Primavera, todas enriquecidas com fotografias e mapas no livro.

Ainda no prefácio de A Lenda Azul, Walter indica o signi-

ficado dos nomes-códigos dados à Divisão de Infantaria Expedicionária: “Lenda” foi o nome dado ao Regimento Sampaio (1º Regimento de Infantaria). Dentro dos Regimentos, “Azul” era chamado o 3º Batalhão. Os comandantes eram identificados como “Relâmpagos”, e os Oficiais de Operações, como “Vulcões”.

Walter de Menezes Paes recebeu muitos elogios individuais, expressos em honrarias e depoimentos, como o dado pelo coronel Milton Hill, do Exército dos EUA em 1944. “O Walter Paes possuía alto padrão de eficiência, disciplina e patriotismo, inteligente, ativo, dedicado ao serviço, disciplinado e de apurada educação”, afirmou o militar norte-americano.

MEDALHAS MAIS SIGNIFICATIVAS

- Cruz de Combate 2ª Classe (Segunda Guerra Mundial);
- Medalha de Campanha (por sua atuação na Força Expedicionária Brasileira);
- Ordem do Mérito Militar (Grã-Cruz);
- Ordem do Mérito Naval (Grande Oficial);
- Ordem do Mérito Aeronáutico (Grande Oficial);
- Ordem do Rio Branco (Grã-Cruz);
- Medalha Militar de Ouro (com Passador de Ouro e Prata);
- Medalha de Guerra (Segunda Guerra Mundial);
- Medalha do Pacificador;
- Medalha Mérito Tamandaré;
- Medalha Mérito Santos Dumont;
- Medalha Marechal Hermes – Aplicação e Estudo;
- Medalha Marechal Trompowsky (Magistério do Exército);
- Medalha do Mérito Cidade de Recife;
- Medalha do Mérito Pernambucano;
- Grande Medalha da Inconfidência (Governo de Minas Gerais);
- Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes;
- Medalha do Curso Superior de Guerra;
- Medalha da Conquista de Monte Castelo.



Cruz de Combate
2ª Classe



Medalha de
Campanha



Ordem do Mérito
Militar



Medalha do Pacificador
Duque de Caxias



Força Expedicionária
Brasileira – 5º Exér-
cito Americano



A participação efetiva dos soldados brasileiros na Batalha de Monte Castelo.

Ainda segundo registros de 1945, o coronel Aguinaldo Caia-do também elogiou o general sergipano. “Walter Paes tomou parte no ataque vitorioso ao Monte Castelo, conquistando para o Regimento Sampaio e para o Brasil, novos troféus de vitória, merecendo por suas qualidades combativas e pela bravura de seus feitos a admiração e os calorosos elogios deste comando. Esse Oficial possui qualidades excepcionais de Oficial de Estado-Maior. O 3º Batalhão deve a esse oficial grande parte, talvez a mais importante tarefa no feliz êxito de suas operações. Na batalha ao Monte Castelo coube-lhe traduzir a intenção do comando do batalhão ajustando em tão complexa operações, todo o nosso sistema de fogos em coordenação com os objetivos de cada com-

panhia, o que fez numa ligação constante com todos os capitães. Em zonas inteiramente batidas pela artilharia inimiga, demonstraram sua coragem, bravura, calma e sangue frio, do que resultou novos ajustamentos aconselhados pelo terreno”.

Em discurso de 7 de maio de 1980, para o Instituto Euvaldo Lodi, Walter Paes resumiu de forma categórica a atividade militar. “Ser militar é sacrifício, renúncia, esforço, disciplina, estudo, devotamento – como expressiva forma de serviço público”.

O acervo sobre a trajetória do general Walter foi doado ao Memorial de Sergipe, instituição museal mantida pela Universidade de Tiradentes. Está em exposição na sala dedicada a ele e à Força Expedicionária Brasileira. O espaço é aberto ao público. **C**

“

Vivi, intensamente, o drama real, testemunhando e admirando o destemor daqueles bravos personagens. Como aquele drama marcou profundamente o meu espírito, as imagens ainda se apresentam nítidas, com suas cores reais e os gestos bem marcados. Toda aquela energia dos combatentes ficou-me estampada na visão.

Trecho do Livro Lenda Azul



Nos tempos do Glamour

Pedrito Barreto



“Mulher Fruta”? Isso é coisa dos dias atuais! Ela é vulgar, rebola, se insinua... Mas nem sempre foi assim; os tempos eram outros, época em que a única fruta, além da maçã de Eva, era o morango, sobrenome da bela Terezinha, Miss Amazonas e Miss Brasil 1957. No mesmo ano, uma bela sergipana representava o nosso estado no Concurso Miss Brasil: a estanciana Maria Helena Morais e Silva, candidata do Cotinguiba e eleita Miss Sergipe, que brilhou no certame nacional.

A primeira escolha da Miss Brasil, realizada desde 1865, foi uma francesa, naturalizada brasileira. Os concursos não tinham continuidade anual, por isso, Violeta Lima Castro foi considerada a primeira Miss Brasil, em 1900. Em 1922, a escolhida foi Zezé Leone e, em 1929, Olga Bergamini de Sá. A partir de 1954, o concurso oficial começava a ser realizado, quando surgiu a bela Martha Rocha, patrimônio nacional. Somente para ilustrar, Yolanda Pereira, Miss Rio Grande do Sul e Miss Brasil em 1930, é considerada a nossa primeira Miss Universo. Na época, as misses lavavam o rosto antes do certame para que

o júri pudesse escolher a mulher naturalmente mais bela. Com o tempo, as misses passaram a usar maquiagem e, mais tarde, cílios postiços, cabelos alongados, silicone no busto e todos os artifícios em todo o corpo.

Tivemos a época de ouro! Nas noites em que era realizado o desfile para escolha da mais bela brasileira, famílias se reuniam, torciam e faziam apostas para ver quem acertava o nome do estado da Miss que seria vencedora. Na época, uma das exigências do regulamento do concurso era que a candidata tivesse “moral ilibada”. A palavra de ordem era “virgindade”! E por causa da tal virgindade, muitas injustiças foram cometidas! Algumas garotas foram até desclassificadas ou impedidas de participar do concurso. Lembrando do filme *Toda donzela tem um pai que é uma fera*, de Roberto Farias, as misses tinham mães que eram “umas feras”. Escoltavam suas belas filhas e as protegiam de qualquer um mais ousado que quisesse se

aproximar de suas crias. Iguais a Ofélia, mãe da cantora Eliana Pittman, famosa por não “desgrudar” da filha famosa.

Em 1955, Aglaé D’Ávila Fontes, nascida em 1934, em Lagarto, foi eleita Miss Centenário de Aracaju. Seu reinado é longo; somente será substituída no ano 2055. O concurso que a elegeu teve

Na época, as misses lavavam o rosto antes do certame para que o júri pudesse escolher a mulher naturalmente mais bela.

caráter beneficente: arrecadar fundos para as famílias dos chamados Pracinhas, que haviam lutado na Segunda Guerra Mundial e que estavam passando por dificuldades financeiras naquele ano do Centenário de Aracaju. Cada candidata criou uma for-

ma de angariar esses recursos e a ideia de Aglaé foi realizar shows e espetáculos em várias cidades do interior do Estado e também na Capital. Quem mais arrecadou foi Aglaé D’Ávila Fontes que, assim, conseguiu o título almejado. Joselice Pizzi dos Reis ficou com o segundo lugar. O governador da época, Leandro Maciel, colocou a coroa e faixa em Aglaé durante uma grande festa realizada na Associação Atlética de Sergipe, contando também com uma grande atração artística, a cantora Carminha Mascarenhas.

Tivemos muitas misses que ficaram na história dos certames de beleza, a exemplo da nossa primeira miss, Graciema Madureira de Melo, Miss Sergipe 1956 – no mesmo ano, a eleita Miss Brasil foi Maria José Cardoso, representante do Rio Grande do Sul. Graciema, que desfilou no Qui-tandinha usando um vestido lilás com detalhes rosa e fez sucesso pela sua beleza e simplicidade, foi descoberta pelo Clube dos 50 e convidada para representar o nos-

1. Márcia Menezes Mello, Miss Sergipe 1980.

2. Maria Luiza Vieira Cruz, Miss Sergipe 1965.

3. Maria Isabel de Avelar Elias, Miss Sergipe 1964.

4. Nilza Brito, Miss Sergipe 1958.

5. Maria Carmen Gentil Barreto, Miss Sergipe 1969.

6. Yolanda Pereira, Miss Brasil 1930.

7. Maria Helena Morais e Silva, Miss Sergipe 1956.



so estado, quando trabalhava na elegante loja Chez Nena Modas. Viajou ao Rio de Janeiro acompanhada por Neuza Cardoso, costureira famosa por vestir as mais elegantes de Aracaju. Voltando do Rio de Janeiro, após o certame, foi recepcionada no Palácio do Governo: uma grande festa com a presença do governador Leandro Maciel. Convidada, trabalhou na Varig, que, na época, escolhia suas recepcionistas pela beleza. Dois anos depois, casou-se com José Luiz de Góis com quem teve três filhos, Luiz Eduardo, Telma e Pedro Germano. Nascida em Itaporanga D'Ajuda, em 1934, hoje uma bela mulher com 80 anos, é sensível às causas humanitárias, engajada nos trabalhos da Beneficência Frei Fabiano de Cristo. Dedicar-se aos familiares e à pintura. Todas as terças-feiras tem aulas

com o professor Nilton. Em sua casa, no Bairro Santo Antônio, muitas telas com a sua assinatura decoram as paredes. Sempre foi destaque nas colunas sociais de Aracaju. Ela viveu os anos dourados dos concursos de beleza, viajando

Uma das exigências do regulamento dos concursos era que a candidata tivesse “moral ilibada”. A palavra de ordem era “virgindade”.

por todo o País e sendo sempre homenageada e aplaudida. Vale destacar que a elegância de suas roupas era o resultado de pes-

quisas e desenhos da amiga Rejane Valente, confeccionadas por Neuza Cardoso. Época de muito *glamour*! *Glamour* que a eterna Graciema conserva até hoje.

Muitas outras vieram depois, a exemplo de Nilza Britto (1958), Zélia Mendonça Lopes (1963) e Maria Isabel de Avelar Elias (1964), Misses Sergipe cuja beleza fez história. Zélia – seu rosto lembrava muito o da Imperatriz Farah Diba, do Irã –, na noite do Concurso Miss Brasil, ao ser anunciada como uma das finalistas, chegou à passarela usando maiô, mas esqueceu de tirar as luvas longas, até os cotovelos, porque naquele momento calçava para aliviar o frio. Foi classificada em 8º lugar. Maria Isabel de Avelar Elias, mesmo sendo mineira e morando em Aracaju, onde seu pai era gerente de um Banco, foi



eleita Miss Sergipe e no Concurso Miss Brasil se classificou em 3º lugar. Representou o Brasil no Concurso Miss Mundo, em Londres, e conseguiu o 4º lugar. Depois de todo o sucesso, voltou para Aracaju, sendo aplaudida pelas ruas da cidade.

Algumas belas garotas, apesar de morarem em Aracaju, tiveram destaque representando outros estados: a bela e simpática Alda Simonetti Maia não foi eleita Miss Sergipe, mas depois, em 1965, representou Pernambuco no Concurso Miss Brasil. Naquele ano, a nossa Miss Sergipe foi Maria Luiza Vieira Cruz, morena de corpo escultural. Luiza usou um vestido branco da Casa Canadá, assinado por Mena Fiala (a mesma que criou o vestido de casamento de Adélia Franco, filha de Albano Franco, na época

Governador do Estado). E o seu traje típico foi “Rainha Moura”, criado por Walter Freire Barros. Raquel de Andrade, do Rio de Janeiro, foi eleita Miss Brasil. Após a escolha da Miss Brasil, todas as misses participaram de uma elegante festa no Golden Room do Copacabana Palace, no Rio de Janeiro. E a bela Luiza estava lá, acompanhada pelo pai, o conhecido professor Acrísio Cruz. Nessa época, comemorava-se o IV Centenário do Rio de Janeiro e elegeram a bela loura, Solange Dutra Novelli, como Miss Centenário do Rio de Janeiro.

Sergipe, terra de belas mulheres que se tornaram misses, seja do nosso estado ou representando outros estados no Concurso Miss Brasil! A linda Christina Laporte não foi eleita Miss Sergipe, mas, em 1963, represen-

tou o Acre no Miss Brasil. Continua tão bela quanto antes. Linda! Naquele ano, a bela gaúcha Iêda Vargas foi eleita Miss Brasil e Miss Universo. E Sandra Lobo Pauferro, mesmo não tendo sido candidata a Miss Sergipe, foi eleita Miss Penedo e representou o seu Estado, Alagoas, no Concurso Miss Brasil de 1981.

Leonísia Fonseca Mota foi eleita Miss Sergipe em 1968, o mesmo ano em que a baiana Martha Vasconcelos foi eleita Miss Brasil e Miss Universo.

Carmen Gentil Barreto foi eleita Miss Sergipe 1969. No Miss Brasil, realizado no Maracanãzinho, desfilou usando um bonito vestido branco criado pelo sergipano Pedrinho Rodrigues. Para o concurso ela viajou



2014 Priscilla Karla Pinheiro
2013 Lisianny Nascimento Bispo
2012 Evlen Yasmim Fontes Sousa
2011 Danielle Alves Paes Santos
2010 Nayane de Souza Pacheco
2009 Clayane Meneses da Silva
2008 Karina Aparecida Borges
2007 Paloma Vieira de Melo
2006 Aislei Sílvia de Souza
2005 Claudianne dos Santos
2004 Juliana Melo Soares Silva
2003 Fabrizia Ramos Santana

2002 Ana Carla Dantas Ferreira
2001 Karina da Costa Barreto
2000 Josiane Santos Ângelo
1999 Fernanda Lacerda Souza
1998 Stella Maris de Holanda
1997 Karla Wivianny Andrade
1996 Patrícia Borges
1995 Ellen Dutra Fonseca
1994 Cleidejane Teixeira
1992 Raquel Dala Bernardina
1989 Patrícia Loeser de Carvalho

1988 Ângela Maria M. Costa
1987 Fernanda da Silva Costa
1986 Rita de Cássia Freire
1985 Laudicéia Aparecida Gildo
1984 Rita de Cássia Lourenço
1983 Ana Paula Santana
1982 Marisol Lima Ramos
1981 Carmen Elisa Marin
1980 Márcia Menezes Mello
1979 Kátia Maria Ferreira Costa
1978 Maria das Graças Santos

1977 Elizabeth de Souza Silva
1976 Maria Wilma Prata
1975 Maria Wilma Santos
1974 Helenita Santos
1973 Ivany Apóstolo de Melo
1972 Jocenyrr Monteiro Santos
1971 Luciene C. de Oliveira
1970 Cláudia Toscano de Brito
1969 Maria Carmen G. Barreto
1968 Leonísia Fonseca Mota
1967 Maria Hortênsia de Góes

1966 Lygia Sampaio Fiscina
1965 Maria Luiza V. da Cruz
1964 Maria Isabel de A. Elias
1963 Zélia Maria M. Lopes
1962 Gleide Maria de Freitas
1961 Elenita Teixeira Lobo
1960 Maria Bandeira de Mello
1959 Aparecida Guimarães
1958 Maria Nilza de Brito
1957 Maria Helena M. e Silva
1956 Graciema M. de Melo

acompanhada pela tia, Alzira Barreto. Ficaram hospedadas no elegante Copacabana Palace. Carmen conta que os ensaios para o desfile eram muito rígidos, dirigidos por Maria Augusta Nielsen, da SOCILA – Sociedade Civil de Intercâmbio Literário e Artístico, falecida em 2009. Ela usava uma bengala como sendo uma “arma” para disciplinar todas as misses. E, por isso, era muito temida. As misses eram vigiadas o tempo inteiro, inclusive durante as refeições. Para manter o belo corpo, elas tinham alimentação balanceada. No mesmo ano, Vera Fischer foi eleita a mais bela brasileira e se transformou em uma grande atriz de cinema, teatro e televisão.

Cláudia Toscano participou de vários concursos, inclusive Glamour Girl. Muito bonita, foi eleita Miss Sergipe em 1970. Hoje, é uma respeitada e aplaudida artista plástica.

Márcia Menezes Mello, da cidade de Propriá, foi eleita Miss Sergipe em 1980. Linda, injustamente não recebeu a coroa de Miss Brasil. Esteve classificada entre as mais belas. No desfile, em Brasília, usou o traje típico intitulado “Sinhá Moça”, criado e executado por Lânia Duarte. Hoje, Márcia, bem casada, mora na Suíça.

Ana Paula Santana, Miss Sergipe 1983, no Miss Brasil recebeu o título de Miss Simpatia. Com 1,75 de altura, ela usou um vestido azul criado pelo sergipano Lisboa. E em 1985, eleita Miss



AGLAÉ D'ÁVILA FONTES
Miss Centenário de Aracaju

Nordeste, Ana Paula concorreu ao título de Miss Mundo Brasil, em São Paulo.

Laudicéia Gildo, linda e muito simpática, foi a nossa Miss Sergipe 1985. Fez grande sucesso na época! Hoje, casada, tem um filho de 19 anos e mora em São Paulo.

É até impossível citar as mais belas entre tantas belas... Fernanda da Silva Costa, Miss Sergipe 1987, Fernanda Lacerda, em 1999, Juliana Melo Soares Silva, em 2004, também eleita Miss Simpatia...

Em 1984, Patrícia Loeser de Carvalho foi eleita Glamour Girl, e, em 1989, eleita Miss Sergipe. Linda! Alguns achavam seu rosto parecido com o de Roberta Close, que fazia sucesso na época. Mas nada disso: a linda Patrícia

Loeser era impar, beleza única. No Concurso Miss Brasil, ela usou um vestido de renda branco, todo bordado, criado por Lisboa, que ela guarda até hoje com muito carinho. Formada em Engenharia Química, casada com João Vicente, tem dois filhos e mora em Maceió.

Em 1992, tivemos uma belíssima Miss Sergipe, Raquel Dala Bernardina. Loura, linda, elegante, hoje casada, tem duas filhas, empresária de sucesso em Aracaju. No Miss Brasil Universo, realizado em São Paulo, ela usou um vestido lilás da Noiva Chic. Também participou do Miss Brasil Mundo, em Maceió. Bem que poderia ser eleita a mais bela nos dois concursos. Tinha todos os requisitos.



GRACIEMA MADUREIRA
Miss Sergipe 1956

No auge da empolgação com os concursos de beleza, surgiram muitos outros: Miss Elegante Bangu, Miss Universitária, Miss Funcionária Pública... Detalhe interessante é que, durante muitos anos, as representantes brasilei-

“Maria Augusta Nielsen, da SOCILA, usava uma bengala como sendo uma “arma” para disciplinar todas as misses. E, por isso, era muito temida.

ras no Miss Mundo eram as segundas ou terceiras colocadas no

Miss Brasil. Depois criaram um concurso específico que leva ao Miss Mundo. Para não confundir: existem Miss Brasil Universo e Miss Mundo Brasil.

Felizmente, a vulgaridade da “mulher fruta” não atingiu as nossas misses. Elas eram escolhidas pela sua beleza e elegância, como acontece até hoje. Rainhas! Nossas misses continuam majestosas, a exemplo de Nayane Pacheco, Miss Sergipe 2010, Danielle Paes, Miss Sergipe 2011, Evlen Yasmin Fontes, Miss Sergipe 2012, e Lisianny Bispo, Miss Sergipe 2013.

Sergipe é um dos Estados que mais vezes conquistou o título de Miss Simpatia: Ana Paula Santana (1983), Cleidejane Teixeira (1994), Patrícia Borges (1996),

Juliana Melo Soares Silva (2004) e Nayane de Souza Pacheco (2010).

Como disse o poeta Vinicius de Moraes, em seu poema *Receita de Mulher*, “as muito feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”. Nossas misses, sempre bem escolhidas, continuam lindas, com muito *glamour*. Elas embelezam qualquer ambiente. Onde chegam atraem olhares e elogios e mais elogios! Mas é uma pena, uma grande pena que os concursos não tenham mais o mesmo brilho, o mesmo *glamour*. Restam somente os depoimentos e imagens da grande fase áurea dos certames. **G**

Durante a preparação desta matéria, contei com o apoio de Fabiano Araújo, coordenador dos concursos Miss Mundo Sergipe, Miss Sergipe Latina, Miss Sergipe Mirim e Miss Teen Sergipe.

POESIA

Ezio Déda



Natural de Simão Dias-SE, Ezio Déda é arquiteto e escritor. Em 2001, lançou o livro de poemas *Árvore de Folhas Caducas*, apresentado por Maria Bethânia. Foi coordenador dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Design de Interiores da Universidade Tiradentes durante o período de 2004/2009, ocupando, atualmente, a cátedra de Projeto de Arquitetura. Em 2008, fundou o Ágora Arquitetos Associados. É o arquiteto responsável pelo projeto do Museu da Gente Sergipana, juntamente com a equipe do Ágora. O projeto foi vencedor do Prêmio Nacional “O Melhor da Arquitetura”, na categoria restauração. É autor do livro em multimídia *A Casa das Ausências*, obra que mescla poesia, dramaturgia, desenho e música, contando com as participações de Antônio Abujamra, Jorge Mautner, Maitê Proença, Jorge Vercillo, Tereza Rachel, D. Canô, Marcelo Déda, Artur Déda, Harildo Déda, Expedita Ferreira e Zélia Duncan. Atualmente, exerce a função de Superintendente do Instituto Banese, que possui ações voltadas para a cultura e responsabilidade social. É Conselheiro da Editora do Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE.

Quando chegou a primeira
ausência

Ainda vivia no verdadeiro
tempo das coisas

Cotidiano de minhas esperas

Mas vieram tantas outras

Que aprendi a morar na
antecedência do destino

Eu existi na véspera da vida.

Atrás de toda felicidade

Há sempre um luto em
silêncio

Uma renúncia que acena
ofegante pela vidraça.

Por quantas impossíveis
geografias

Ainda permaneceremos
exilados na fronteira do
equivoco

Mesmo nos sabendo
vizinhos de terras
devolutas?

Nasci através de mãos
laicas

Fui recebido sem anestésias

E o eco veio inaugurando a
manhã do quarto que chovia

Era a alegria pura, sem
precedentes ou expectativas

Era a saúde empírica de
toda família.

Estou vivo como o vento
das águas revoltas

No necessário
desassossego de minha
natureza.

A lucidez me vem como
gota amarga

Se molha a porção que
escorre da naturezas dos
telhados

O líquido que sorvo é incolor,
inodoro e insípido

Mas nunca é água pura.

Trago no dom o
insustentável traço da sina

De ser eu mesmo a letra
que me aniquila.

Meu texto é veículo de
busca

Não esteta da língua que me
decifra

E expõe ao exílio

No vasto latifúndio baldio da
América do Sul.

POESIA

Nairson Saquarema



Natural de Propriá/SE, publicou *O Espantalho do Silêncio*, pela editora alternativa *Centauro sem Cabeça*; participou das coletâneas: *A Voz*, *o Poema* e *Poemas de Tobias Barreto*, *Aperitivo Poético* e *Antologia de Poetas de Roraima*. Veiculou a série de clips *A Arte do Ofício* pela TV Aperipê; publicou cartas e poemas nos jornais: *O Capital*, *Folha da Praia*, *Gazeta de Sergipe*. Fundou, juntamente com Aloysio Ferreira (Macaô), a *Cia. Armazém 27*, através da qual realizou recitais e rodas de conversa sobre poesia em vários estados do Brasil. Publicou a coletânea de foto-poemas, *O Circulo das Horas*, com a fotografia Edel Ferreira; publicou cartões poema, em parceria com Aloysio Ferreira (Macaô) e ilustrações de Elias Santos e Bené Santana.

CANTO DO NAUTA A DERIVA

A serviço da Divina Ordem
tomo meu barco
e navego para diante e para trás,
para cima e para baixo,
mas sempre em frente!
Sem bússolas ou remos prossigo
estendendo velas ao Divino vento
e seguindo a Estrela
do meu Desejo Maior e perene.
Sem rotas assim traçadas
vou no rumo do sol.
Navegar é tanto e sempre mais,
Todavia donde vou é ainda mistério.
Percorro quantas milhas
me cabem no oceano aberto e sem fim.
De passagem, saúdo naufragos e piratas
e prossigo sem trégua
na rota até o fundo de mim mesmo.
.....
Espuma, água, areia, silêncio.

14 de jan. 2014.

CANTO DA ROSA FUNDAMENTAL

(inspirado em fotografia de Omar Ali Shah)

Busco em Teu jardim
A rosa exata
Cujo perfume está para além
Do humano olfato.
A rosa de divina essência.
Busco a rosa sem tempo
Por quem se justifica a primavera.
A Rosa!
Sua matiz perfeita...
Equação exata de todas as cores.

29 de set. 2013.

...

VESPERAL E INSONIA

Montanha acima perambulam
meu olhar e meu pensamento
impregnados da tua presença.
Teu olhar triste enfeitiçou minha alma
e pôs inquieto o meu coração.
Desce calma e cheia a lua clareando o pasto,
enquanto teu nome e teu olhar
me atordoam
na madrugada cheia de espanto.

O VOO FUNDAMENTAL

-Sobre a saga recente do pássaro Joukim-

Agora voará só o astuto aprendiz
através dos muitos ares.
Vento, asas e destino
no itinerário silencioso de sua procura
intransferível.
Gorjeará o pequeno alado
a canção nativa da sua Trajetória
de avoante,
sabendo-se inquieto e forasteiro.
Sobre quanto espaço haja,
voará Joukim, varando horizontes
em busca do que em essência
já possui.
Quando exaustas fibras tenha,
planará Joukim ainda
em busca do pássaro interior e pleno.
sobre penas e saudades navegará
solitário e sem espanto.
Adeus aves feminas de cuidados
e carícias,
adeus céus de encantamento,
Aves feminas adeus!
Agora voará só o pássaro astuto,
“Estejam os seus ares onde estiverem”

24 de abr. 2014.

POESIA

Gilza Borges



Gilza de Almeida Borges é poeta, escritora e psicóloga pós-graduada em Arteterapia. Lançou o livro *Janelas do Alvo-recer* após concurso literário promovido pela Prefeitura Municipal de Aracaju.

Durante a década de 80, publicou *A Permanência* e participou de antologias na Bahia e em Sergipe. Mora em Lauro de Freitas – BA e continua, neste século XXI, “escrevivendo” versos a prosas.

ÂMAGO

Suave e transitória
nuvem
e ave.
Fluido e ondulante
mar
e amar.
Inebriante e difuso
ar
e aroma.
Cálida e translúcida
chama
e luz.
Harmônico e vibrante
som
e dança.
Firme e profícua
árvore
e solo.

Assim projeto
em essência – ser.

ÁGUA DOCE

Cachoeiras cachos e rios
fios, desgrenhadas raízes
em Oxum, cabeça emergindo
olhos e espelhos lagos
vem do leito amarelo-ouro,
colcha de minérios, mina.

A correnteza e gorjeios
compõem sonoridade.
Vegetação nas margens, pequenas
estrelas da terra, vagalumes.

Afluindo navegantes,
acolhe nados e mergulhos.
Nos seus recônditos lugares,
peixes dançam sinuosos.

Pescadores deitam redes
arrastando cardumes
– dádivas renovadas
se alimentam devoção
ao orixá, mulher que se faz
e quer presente, axé!

ENCANTOS

A fada com a varinha de condão
satisfaz o sonho em realidade:
o sapo se transforma
príncipe,
abóbora em carruagem
da cinderela,
branca de neve
desperta no bosque,
chapeuzinho...

E tanto esperando
que o destino mude
por completo a vida,
de repente
caia tudo do céu
nas ansiosas mãos,
a sorte aperte
a campaninha
ou bata à porta.
Sem dúvidas
estarás bem
dentro da ilusão

Incauto e enfastiado
pelo concreto
armado da mesmíssima
moradia
corpo
cara –
– metade
inteiramente tudo
igual
dia após dia
dia após dia
dia após dia
adias tuas metas
metamorfoses

De uma hora para a outra
pode aparecer o gênio da lâmpada
e realizar os teus três maiores desejos.
Com o saco cheio de presentes
Papai Noel irá descer a chaminé.
Em último caso, o padre
absolverá os teus pecados
e garantido o paraíso
eterno
depois do derradeiro
suspiro.

PARTIDA

O bobo da corte
engole espadas
e paus.
Obra copas
e ouros,
elimina
damas xifópagas
valetes ambíguos
reis invertidos
do trono, nenhum
ás o alcança:
- meramente
curinga
embaralhado e fora
da série -
avista nos cortes,
sai dos buracos
e mortos, desvela
a próxima cartada,
descava saber
passageiro
do escárnio e espanto.

SIGNOS

a José Martins Ribeiro Nunes, Zé Peixe.

Mar-tins e o riacho, Ribeiro
– nomeações expressivas
do menino afeito ao sol e sal.
Solto
em pleno ar no mergulho
às águas se aprofundando
fez-se peixe e, antes, ave.
As braçadas, fortes asas,
decolavam o nado ágil.

Guia marítimo na Barra
dos Coqueiros, argonauta,
ou imerso na rosa
dos ventos, bússola
a orientar direções,
destravando os navios
encegueirados nas rotas?

Seria uma parecença
santa na ilha Luzia
pelos olhos da aurora
confluindo o labutar
do seu destino oceânico?

LÚ SPINELLI

*A poesia da dança na
construção da arte
cênica sergipana*

Mário Resende

Foto: Dinho Duarte

A prática de homenagear é tão antiga quanto a existência da cultura humana. Ela pressupõe o reconhecer no outro a construção pioneira, a abertura de caminhos, a facilitação de constituição de estradas e pontes sem as quais estaríamos caminhando com mais vagar. Reconhecer no outro a construção de algo digno é ato de grandeza cultural que humaniza o homem.

Ao tratarmos de reconhecimento é que relembramos que, há quatro décadas, tivemos em Aracaju o I Festival de Dança Moderna, Contemporânea e Afro. Os tempos eram difíceis, a cidade pequena e conservadora. Estávamos no auge do regime militar e a dança

acadêmica não tinha espaço, nem patrocínio, tampouco público. Nessa época, a SCAS – Sociedade de Cultura Artística de Sergipe –, entidade cultural que atuava em Aracaju, já tinha entrado em retração. A SCAS, em anos anteriores tinha sido patronesse de espetáculos de música e de teatro. No tocante aos grandes espetáculos de Dança que trouxe para a cidade, na maioria das vezes, estes se restringiram à linguagem do balé clássico. Nesse deserto de movimento, Lúcia Spinelli percebeu uma lacuna a ser preenchida e aqui fincou suas raízes, através do Studium Danças.

Somente a partir do trabalho da professora Lúcia Spinelli, as sementes das Danças Moderna e Contemporânea aportaram na capital sergi-

pana. Sem essas sementes, muito provavelmente estaríamos contando outras histórias no que se refere à Dança acadêmica em Sergipe. A criação do Studium Danças e a realização dos Festivais Anuais são marco na história cultural de Aracaju. Sua criadora, Lú Spinelli, vivenciou e foi testemunha de importantes modificações nessa capital no campo dos costumes, dos mitos e dos preconceitos. Na década de 70, ao se estabelecer em Aracaju, enfrentou resistências típicas de toda ação pioneira, mas também recebeu os apoios das jovens mentes e intelectuais iluminados da cidade, a exemplo de João de Barros, Joubert Moraes, Jorge Lins, Irineu Fontes, o então poeta Carlos Ayres de Brito, Ilma Fontes, o musicista Antonio Alvino Argolo, Lânia Duarte, Aglaé Fontes, Madre Albertina Brasil, Amaral Cavalcanti, Professor Alencarzinho, Professor João Costa, Luís Eduardo Costa, Luís Eduardo Oliva, Ivan Valença, Professor Antônio Garcia e Dr. João Cardoso Nascimento Junior, ex-reitores da Universidade Federal de Sergipe, da sua filha Amália Spinelli, entre outras pessoas de real importância.

“

A criação do Studium Danças e a realização dos Festivais Anuais são marco na história cultural de Aracaju. Sua criadora, Lú Spinelli, vivenciou e foi testemunha de importantes modificações nessa capital no campo dos costumes, dos mitos e dos preconceitos.



Foto: Dinho Duarte

De fora de Sergipe, Lú conta que sempre teve o apoio e o incentivo de Eduardo Cabús, dono do Teatro Gamboa e atual proprietário do Teatro Bibi Ferreira, no Rio de Janeiro; do professor Clyde Morgan, convidado da UFBA para atuar no curso de Dança; e atualmente docente da Universidade de Backport, New York; Julio Vilan, assistente de Klauss Vianna e Angel Vianna; do prof. Rolf Gelewski; de Renê Gumiel, pioneiros da dança moderna e contemporânea no Brasil. Dulce Aquino, Pró-Reitora de Extensão da UFBA, Lia Robato, Diretora do Projeto Axé/Salvador, Laís Gois, ex-diretora da Escola de Dança da UFBA e Jurema Penna, autora e atriz baiana, expoente do Cinema Novo na Bahia, grupo que atuou o grande Glauber Rocha, também fizeram parte de rol de apoiadores.

Em muitos aspectos do que avançamos, somos devedores dessa mestra da Dança. No campo dos costumes e da dança, Lú foi revolucionária, sendo uma das responsáveis pela quebra de preconceitos e tabus arraigados



Foto: Fernando Souza

na sociedade aracajuana. Atuou como uma das responsáveis técnicas pelo Festival de Arte de São Cristóvão, durante 18 anos. Foi, também, produtora de grandes espetáculos que se fizeram presentes nos palcos sergipanos. Com Lú Spinelli tivemos, pela primeira vez em Sergipe, a possibilidade de artistas homens e negros frequentarem aulas e serem reconhecidos na cena da dança no estado e fora dele. Lú fundou o Studium Danças em, 1971, tendo como primeiro professor convidado o bailarino pernambucano Alcides Muniz, recém-chegado da Europa. Muniz havia dançado



em diversas companhias como o Gulbenkian, em Portugal; o Balé de Nice, na França, entre outros. Antes de ir para a Europa, Muniz tinha atuado no Brasil; em particular, trabalhou com Dalal Aschar, no Rio de Janeiro, e com Flávia Barros, em Pernambuco.

Também trabalharam no Studium o então professor Doutor Eusébio Lobo, da UNICAMP (ministrou aulas no Studium nos anos 70); Marcelo Moacyr, dançarino que atuou em diversas



“

Com Lú Spinelli tivemos pela primeira vez, em Sergipe, a possibilidade de artistas homens e negros frequentarem aulas e serem reconhecidos na cena da dança no estado e fora dele.

companhias internacionais, formado pelo Laban Center Londres; Antonio Alcântara/UFBA, que trabalha com Danças no Canadá, e Firmino Pitanga, com formação na UFBA, coreógrafo, dançarino, pesquisador de danças africanas em diversos países da África e fundador do balé da UMES, na USP.

Por sua vez, em Sergipe, surgiram do Studium Danças o saudoso Francisco Santos, popular Chiquinho, por muitos anos professor de Dança na Escola Municipal de Artes de Aracaju; os dançarinos Marcos Braz-Erê, Rita Trindade, Gladston Santos, Rinaldo Machado, Jayme Guedes, Hamilton Marques, Julieta Menezes, Sandra Freire, Clara Alice Oliveira, Ivani Andrade, dentre outros.

Foi a partir das ações de Lú que tivemos a primeira companhia de dança cênica sergipana, o “Grupo Studium Danças”. Criado em 1973, era um grupo amador formado por uma série de jovens aracajuanos que posteriormente procuraram outros meios, todos alunos da escola, a saber: Silvana Flores Cardoso, Beatriz Braz, Cristina Garcia, Clara Alice e Acácia Oliveira, Martinha Bragança, Dayse Monte, Ana e Cibele Ramalho, entre outras alunas. O grupo viajou para diversos eventos no Brasil, participando de circuitos e de festivais universitários. Em Sergipe, por diversas vezes, abriu os espetáculos que aconteciam no Festival de Artes de São Cristóvão.



O primeiro espetáculo do grupo amador chamou-se “Afro Sacro” e foi apresentado pelo grupo Studium Danças na Igreja do Rosário, em São Cristóvão. Posteriormente, no primeiro Festival de Artes e Cultura de Laranjeiras, o espetáculo foi reapresentado na íntegra, e lá novamente dançaram sob o som da Missa Luba, cantado por “os trovadores do Rei Balduim”, um coral católico do Congo Belga. Lú montou diversos outros espetáculos, a exemplo da “Feira dos Aracajus”, “Glória, Glória, Glorioso”, “Vivência”, “Xocós”, todos pautados na cultura sergipana, dentro de uma visão contemporânea de dança.

Nos anos 80, o Grupo Studium Danças transformou-se em Sociedade Produtora de Dança, em caráter profissional. Nessa época, o grupo se fez presente pelo país no Festival Internacional das Mulheres Ruth Escobar, em São Paulo, no Ciclo de Dança do Recife e na Oficina Nacional de Dança da UFBA, entre outros grandes e importantes eventos brasileiros. Fez diversas turnês em diversos estados do Nordeste. O grupo profissional teve sempre a direção de Lú, mas atuou em parceria com importantes coreógrafos brasileiros e estrangeiros, a exemplo de Marcelo Moacyr, Denilto Gomes, Aírto Tenório, Clady Morgan, Valério Césio, Rosito de Carmine, entre outros.

Em quarenta anos de atuação em Sergipe, Lú Spinelli plantou e colheu muitos frutos na arte da Dança e fez desta, nos seus espetáculos, a palavra que não podia falar, o espaço para a crítica e para o riso, a luz para produzir beleza

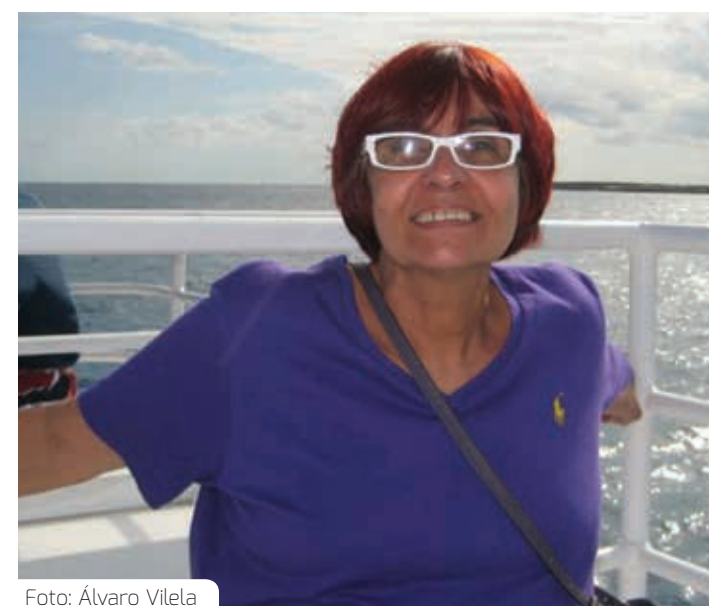


Foto: Álvaro Vilela



Lú Spinelli recebeu, em 2012, a Medalha de Honra ao Mérito Artístico, concedida pelo Conselho Brasileiro de Dança (CBDD), vinculado à UNESCO. A solenidade de entrega aconteceu no Teatro Mário Lago, no Rio de Janeiro. A medalha foi concedida à artista, em reconhecimento pelo trabalho de divulgação da dança que ela vem executando ao longo de sua carreira e como representante de Sergipe no CBDD.

Fonte: Ascom/Secult

e poesia, o movimento para celebrar a vida e dialogar com a dor, a arte que somente o corpo é capaz de transmitir nesse campo do saber humano, que deve ser o mais democrático de todas as artes. A existência e a continuidade da escola de dança Studium Danças, em quase meio século, cancelam o compromisso, a lealdade e competência dessa profissional em manter acesa a chama da arte do movimento no estado de Sergipe. No mínimo, esse fato nos delega o papel de reconhecer e homenagear Lú Spinelli, artista que através da dança, soube tão bem interpretar e expor, aqui e no Brasil, a grandeza e a beleza das cores e sabores da cultura sergipana. **G**

Meu nome é...

Tonho

O Legítimo Faroeste Cabloco de Ozualdo Candeias

Darci Fonseca

Ozualdo Candeias foi o mais discutido e premiado cineasta entre aqueles que fizeram carreira no chamado Cinema da Boca (polo de produção cinematográfica localizado na Rua do Triunfo, em São Paulo, que perdurou por 30 anos, a partir dos anos 60). Candeias atraiu a atenção da crítica após filmar e surpreender, positivamente, com o premiadíssimo *A Margem*. Esse seu primeiro longa-metragem, realizado em 1967, com orçamento reduzido, tinha apenas quatro personagens princi-

pais e foi ambientado em grande parte às margens então desertas do Rio Tietê, em São Paulo. O estilo marcante de Candeias foi o ponto de partida do nascente Cinema Marginal, que se contrapunha ao Cinema Novo. A maior diferença entre as duas correntes era que o Cinema Novo recebia generosas verbas do Instituto Nacional de Cinema (INC), enquanto o outro fazia jus ao rótulo de Cinema Marginal. *A Margem* criou enormes expectativas em relação ao segundo filme de Ozualdo Candeias, que, em 1968, dirigiu um dos episódios de *Trilogia do Terror*, filme produzido por

Antônio Polo Galante, mais conhecido como o 'Galante Rei da Boca'. O verdadeiro segundo longa-metragem de Candeias foi *Meu Nome é Tonho*, produzido pela Ibéria Filmes.

Um estranho chamado Candeias

Nos últimos anos da década de 60, os *spaghetti western* faziam enorme sucesso no Brasil e os produtores da Ibéria quiseram aproveitar o momento e apresentar ao público um filme nos moldes dos incontáveis Djangos, Sabatas, Ringos e Sartanas, que se revezavam semanalmente nos cinemas. Para dirigir esse filme, ninguém melhor que Ozualdo Candeias, cujo nome estava em





A *Margem*, seu primeiro longa-metragem, realizado em 1967. A vida de quatro personagens à beira de um rio lodoso, numa localidade miserável.

alta, não só por seus trabalhos anteriores, mas também por ser ele o mais estranho dos novos diretores brasileiros. ‘Novo’ não é o adjetivo mais adequado para Candeias, que nascera em 1922, em local ignorado, e que passara a vida trabalhando em fazendas e dirigindo caminhões pelas estradas brasileiras. Ozualdo estava com 46 anos de idade e, há tempos, ganhava dinheiro com uma filmadora Super-8, de terceira mão, com a qual filmava casamentos e aniversários. Para entender melhor a ‘arte’ de filmar, Candeias foi estudar no conceituado Seminário de Cinema, em São Paulo, onde aprendeu que um filme fica ainda melhor quando é escrito e dirigido pela mesma pessoa, o mesmo autor, palavra criada na França e muito em voga naqueles tempos. Era

“O estilo marcante de Candeias foi o ponto de partida do nascente Cinema Marginal que se contrapunha ao Cinema Novo. A maior diferença entre as duas correntes era que o Cinema Novo recebia generosas verbas do Instituto Nacional de Cinema (INC), enquanto o outro fazia jus ao rótulo de Cinema Marginal.

isso que Candeias queria, ser o autor de seus filmes. Aceitou então a proposta da Ibéria Filmes, des-

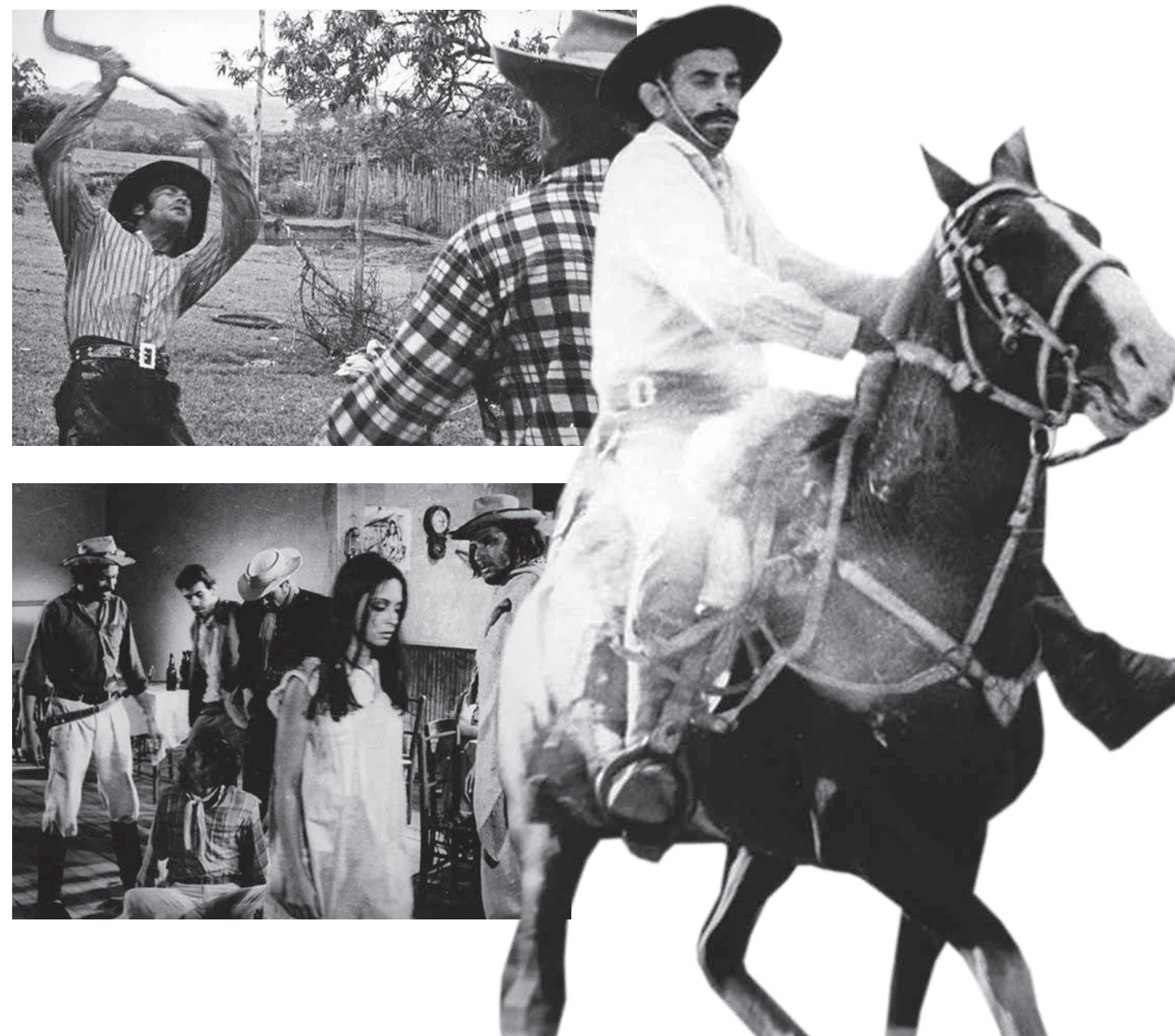
de que ele próprio concebesse a história que iria dirigir. Candeias teve que fazer uma concessão quanto ao título, porque depois do *Pistoleiro Sem Nome*, dos faroestes de Sergio Leone, o que não faltava no cinema eram títulos iniciados por ‘Meu Nome é...’. O próprio Clint Eastwood teve seu primeiro filme policial, de 1968, lançado no Brasil (e só no Brasil), como *Meu Nome é Coogan*. Paralelamente a *Meu Nome é Tonho*, estava sendo rodado por gente da Boca o filme *Meu Nome é Lampião*, protagonizado por Milton Ribeiro. *Meu Nome é Tonho* foi filmado em locações na cidade de Vargem Grande do Sul, onde, em 1953, Lima Barreto realizou *O Cangaceiro*, clássico do cinema brasileiro, estrelado pelo mesmo Milton Ribeiro.

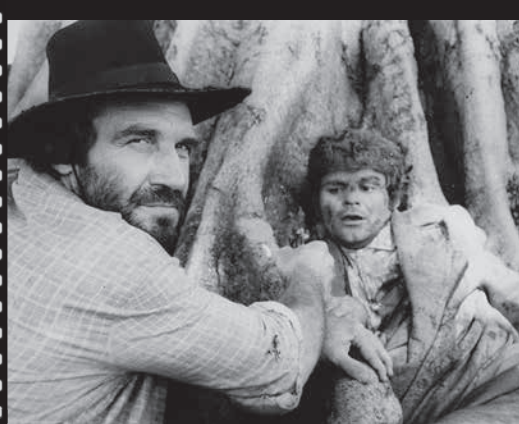
Duelo numa cidadezinha qualquer

Ao contrário do que queria a Ibéria Filmes, o faroeste escrito, roteirizado e dirigido por Ozualdo Candeias não foi uma mera imitação dos *spaghetti western*. A criatividade de Candeias resultou num trabalho que possuía aquele estilo de cinema aparentemente mal feito e chamado de primitivo, estilo percebido em seus projetos anteriores (filmes e documentários), mas com

inegável domínio da linguagem cinematográfica. *Meu Nome é Tonho* conta a história de um homem que quando criança foi sequestrado da casa dos pais, passando a viver com ciganos. Adulto, Tonho (Jorge Karam) decide deixar o grupo de ciganos e, em suas andanças, depara-se com um bando de facínoras que infesta uma região. A malta que é liderada por Manelão (Nivaldo Lima) assassina os sitiantes e seus familiares, sequestrando as mulheres, que são levadas

para um bordel. As propriedades saqueadas são transferidas em cartório, sob ameaça, para Manelão. No bordel, Tonho conhece uma jovem (Bibi Vogel), mas descobre que a moça era sua irmã. Provocado pelos capangas de Manelão, Tonho reage e os enfrenta, liquidando a horda e depois, num duelo marcado, matando o próprio Manelão. A jovem acredita que Tonho se tornará seu homem, mas o forasteiro se afasta da moça, que desconhece ser ele seu irmão.





Cenas de um faroeste caboclo

O roteiro de *Meu Nome é Tonho* contém as situações comuns a tantos e tantos faroestes e, mesmo assim, Candeias transforma os clichês numa história admirável, pela incomum autenticidade da atmosfera que consegue criar. A região desconhecida rescende a mistério e medo transmitidos pelo terror expresso nos olhares do povo do lugar. Algumas das sequências de *Meu Nome é Tonho* são de uma brutalidade extrema no cinema brasileiro, como o assassinato a sangue frio da velha mulher, uma outra senhora sendo atirada dentro de um poço depois de morta, a sádica execução do 'amigo' de Manelão sob uma árvore e a carroça carregando inúmeros corpos de sitiados mortos pelos bandidos. As cenas de ação, quase todas com os atores montados em seus cavalos, são excelentemente construídas como poucas vezes se viu num filme nacional, demonstrando ter Candeias profundo conhecimento de faroestes. O duelo final prolonga-se como forma de Tonho aumentar a punição ao bandido Manelão, pisoteando-o com seu cavalo em magnífica sequência exterior filmada em campo aberto, com o vilarejo ao fundo servindo de cenário. Esse duelo seria cinematograficamente perfeito, se não fossem os desnecessários risos dos personagens envolvidos e risos são um dos senões de *Meu Nome é Tonho*.



Cartaz original de *Meu Nome é Tonho*. Das muitas tentativas de se filmar faroestes com o sabor caboclo do nosso interior, nenhuma outra foi tão bem sucedida.

Grunhidos e gargalhadas

Ozualdo Candeias optou por rodar seu faroeste com um mínimo de diálogos, o que não seria por si só um problema, devido à a riqueza das imagens. Vale lembrar que Candeias, quando não dirigia, era também cinegrafista de filmes de outros diretores. Contando em *Meu Nome é Tonho*, com a maior parte dos amadorísticos atores egressos da Escola de Atores de José Mojica Marins, Candeias entendeu que, ao invés de fazê-los falar com naturalidade, deveriam eles se expressar através de despropositais e excessivos grunhidos e risadas. Ninguém fala, mas todos gargalham em *Meu Nome é Tonho*! As personagens principais e os bandidos tentam encobrir a evidente incapacidade interpretativa. Essa estratégia de Candeias prejudica seu filme sem, no entanto, conseguir comprometê-lo, em razão das suas muitas qualidades. E Candeias tem prazer de chocar o espectador com aberrações, como o retardado que se veste com roupas de mulher, o bandido que usa um fraldão ou, ainda, Tonho fazendo os bandidos dançarem aos pares, como casais, nádegas de fora, nus da cintura para baixo. Outro momento provocador



Raro flagrante do lançamento de *Meu Nome é Tonho*



Uma das cenas mais emocionantes do filme, o duelo final entre Tonho e o vilão Manelão.

de *Meu Nome é Tonho* é a insólita relação homoafetiva entre dois bandidos, sem o tão comum tratamento preconceituoso que gays sofriam por parte do cinema nacional desde as chanchadas da Atlântida. Esse mesmo Candeias cria, durante uma sequência em que dois cavaleiros se encontram numa estradinha, um momento de rara e poética beleza com um cavalo cobrindo uma égua, algo que só mesmo a imaginação de Candeias seria capaz de conceber num filme tão violento.

O Ozu da Boca do Lixo

Pode-se imaginar a dificuldade de dirigir atores treinados por

“O roteiro de *Meu Nome é Tonho* contém as situações comuns a tantos e tantos faroestes e mesmo assim Candeias transforma os clichês numa história admirável pela incomum autenticidade da atmosfera que consegue criar.

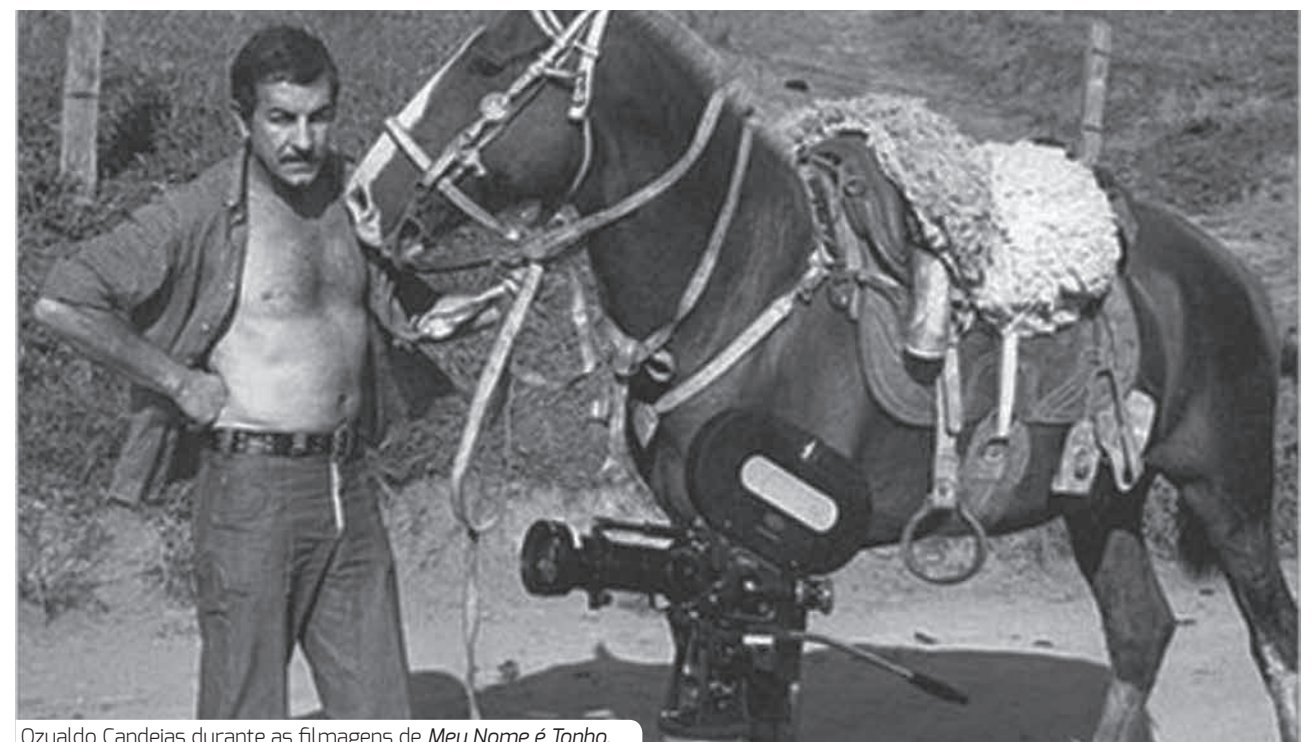
Zé do Caixão para contracenar com aranhas, cobras e morcegos. Mesmo assim, Candeias extrai

deles expressões faciais significativas, como o caso de Nivaldo Lima (Manelão). Egresso da escola de José Mojica Marins, Nivaldo Lima que é quase um sócio do famoso ator Paulo Villaça, é bom exemplo da direção de atores de Candeias, sendo o melhor personagem de *Meu Nome é Tonho*. O protagonista é o gaúcho Jorge Karan, que já havia participado de alguns filmes antes de *Meu Nome é Tonho*, entre eles *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, de Roberto Santos, e *Quelê do Pajeú*, de Anselmo Duarte. Após mais alguns filmes, Karan desistiu da carreira de ator, tornando-se dono de churrascaria. Candeias transforma Jorge Ka-

ran em um convincente Tonho. Bibi Vogel está belíssima, linda mesmo, e excepcionalmente fotografada por Peter Overbeck, responsável por excelentes imagens rurais e pela ótima iluminação de cenas filmadas em interiores. Em *A Margem*, a trilha musical ficou a cargo do Zimbo Trio e para compor a trilha de *Meu Nome é Tonho*, Candeias

contou com o violão de Paulinho Nogueira. Virtuoso do instrumento, Paulinho fez inúmeras e sugestivas variações instrumentais sobre a música “Menina”, de sua autoria, contando em alguns momentos, com o acompanhamento do acordeon de Abel P. de Castro ou ele mesmo, Paulinho, executando uma craviola. *Meu Nome é To-*

nho recebeu prêmios em todos os festivais de cinema dos quais participou, indo razoavelmente bem nas bilheterias e firmando o nome de Ozualdo Candeias, o ‘Ozu’ da Boca do Lixo. Das muitas tentativas de se filmar faroestes com o sabor caboclo do nosso interior, nenhuma outra foi tão bem sucedida como o cult *Meu Nome é Tonho*. **G**



Ozualdo Candeias durante as filmagens de *Meu Nome é Tonho*.



Os atores Jorge Karan (Tonho), Nivaldo Lima (o bandido Manelão) e Bibi Vogel, um dos mais belos rostos do cinema nacional.

EXISTIRÁ UMA CULTURA GENUINAMENTE SERGIPANA?

Luiz Eduardo Oliveira

O debate sobre uma arte ou cultura genuinamente sergipana, que já havia sido suscitado na última edição da *Cumbuca*, pelo publicitário Hélvio Dória Maciel, só tem funcionalidade como discurso político, embora, como política cultural, seja anacrônico e estéril. As razões para tal esterilidade são simples. Vou tentar explicá-las. Em primeiro lugar, falar de algo – qualquer coisa, incluindo arte e cultura – como “genuinamente” sergipano é contribuir para a ideia de uma identidade sergipana, ou de uma “sergipanidade” essencial que estaria arraigada de modo natural em todos aqueles que nasceram no estado de Sergi-

pe. Tal ideia assenta-se sobre um pressuposto naturalista, muito comum já na segunda metade do século XIX, de que o homem – e portanto sua obra – é produto do meio, do ambiente e do momento histórico, o que nos leva a crer que sua identidade cultural é fixa e imutável, determinada que está pelas condições biológicas, genéticas e sociais, como se ela não fosse um processo discursivo que sempre está em estado de gestação, de modo fluido e às vezes até híbrido, mesmo que se apresente como contraditório em sua aparência.

Com efeito, o descentramento do sujeito moderno, no decorrer do século XX, tornou possível o

questionamento dos pressupostos românticos que deram sustentação às identidades nacionais, sobretudo nos países de condição pós-colonial, uma vez que passou a ser postulada a multiplicidade de relatos e sujeitos, em oposição a uma narrativa unificadora que desprezava os fenômenos de des territorialização, migração e integração. Como se sabe, o sujeito enunciativo do discurso fundante do Estado-Nação na América Latina, durante o século XIX, foi patriarcal, elitista e excluiu não só a mulher, mas também os índios, negros, escravos, analfabetos e, em muitos casos, os brancos desprovidos de propriedades. Foi



exatamente esse o sujeito enunciativo que se identificou com o discurso nacionalista. O nacionalismo, por sua vez, em função de uma língua e uma literatura tidas como “nacionais”, apaga as diferenças étnicas, sociais, linguísticas e culturais que não se encaixam no projeto nacional de que o Estado e os homens de letras são os principais representantes.

Os efeitos maléficos da ideologia nacionalista reemergem facilmente em contextos regionais. Mesmo em países assumidamente multiétnicos e multiculturais, como o Brasil, podemos perceber alguns resquícios desses conflitos (inter)nacionais em nível (inter) regional, como é o caso já clássico

do nortista ou nordestino perante o sulista ou sudestino, que, como diz Durval Muniz de Albuquerque Jr, em seu livro *A invenção do nordeste e outras artes* (1994), se configura como um “regionalismo de superioridade”, sustentado no desprezo pelos outros nacionais e no orgulho de sua ascendência europeia e branca. Isso não significa que, entre os negros, tais conflitos étnicos não existam, como nos mostra a experiência de países africanos em que os líderes governamentais utilizaram-se das mesmas estratégias nazistas de discriminação social. Nesse processo de adaptação à convivência com a diferença, o racismo formal e institucionalizado se torna moeda

comum, pois um número cada vez maior de comunidades “étnicas” se estabelecem em todas as partes do mundo, provocando, não raro, manifestações sistemáticas de intolerância, numa onda fundamentalista que é já uma característica marcante do século XXI.

Afirmar num outro artigo, publicado no número 2 da *Cumbuca*, que a ideia de cultura pura era parente próxima da ideia de raça pura. Como se sabe, a palavra “raça”, que ainda tem uso corrente na língua portuguesa quando relacionada a seres humanos, não é uma categoria científica, mas política e social, funcionando discursivamente como um indicador de superioridade ou inferiorida-

de, numa relação assimétrica de poder econômico e cultural. Assim, os estigmatizados por razões étnicas, além de serem diferentes do ponto de vista cultural, são biologicamente caracterizados, com estereótipos físicos e/ou sexuais. Em tal contexto, torna-se anacrônico qualquer discurso que insista na homogeneidade da cultura nacional ou regional.

A identidade regional, como a nacional, é sustentada por uma rede de poder que não raro financia a institucionalização de um saber e uma cultura regionais. É a partir de então que, num processo de canonização que inclui a aderência e a cooptação de artistas e obras supostamente regio-

nais, se cristaliza e se mitifica um repertório imagético-discursivo, preservado nas canções e histórias populares. Quando esse repertório passa a ser conteúdo escolar, os historiadores que trabalham com tal perspectiva consolidam a divisão entre história nacional e história regional e acabam por reproduzir as relações desiguais de poder entre as diferentes áreas do país. No caso da literatura, os professores aceitam e defendem, implicitamente, a ideia de que Amando Fontes é um clássico da literatura sergipana, mas não da literatura brasileira, e de que Machado de Assis é um clássico da literatura brasileira, mas não da literatura carioca.

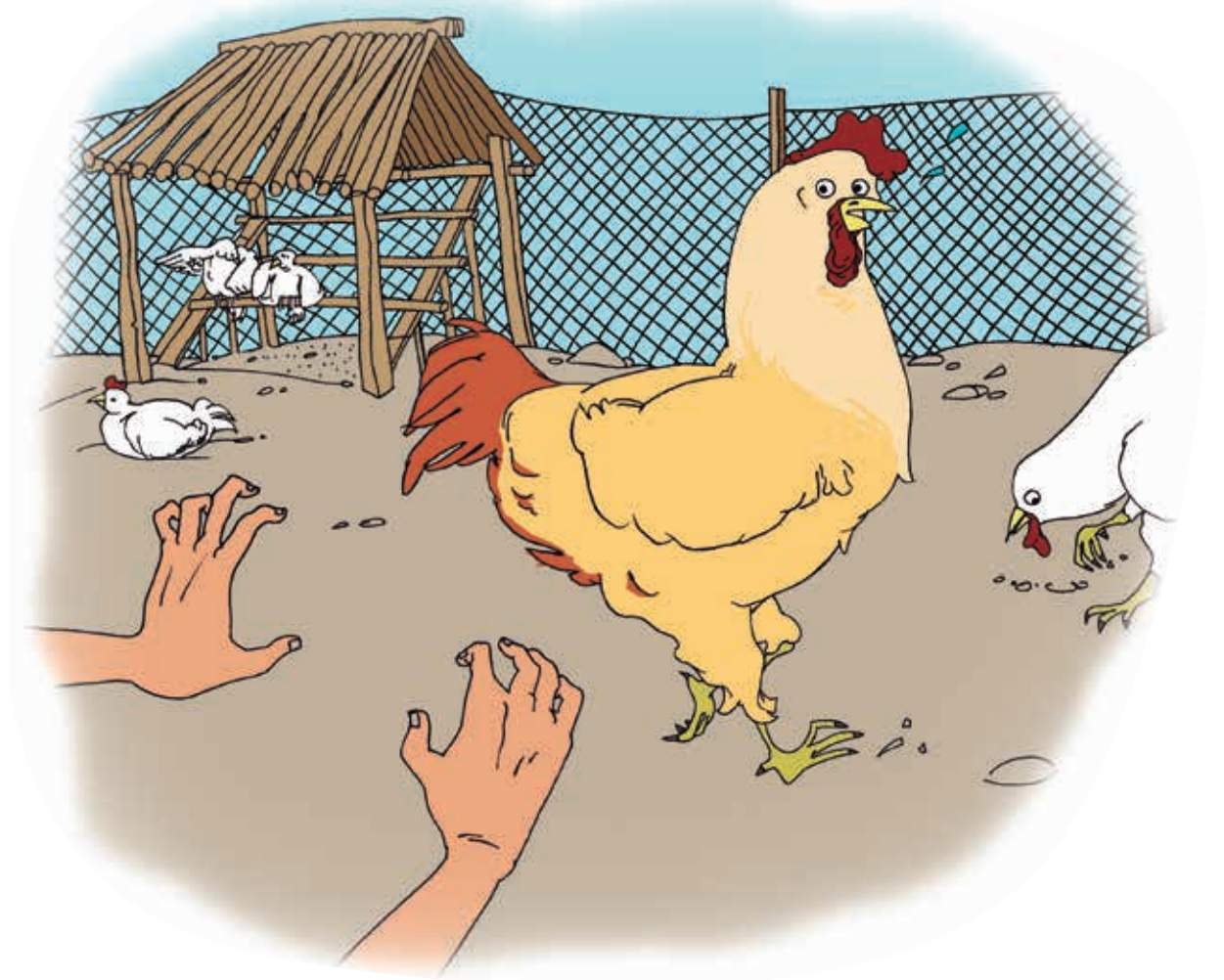
O caso de Sergipe é ainda mais complicado, levando em conta seu processo de emancipação da província da Bahia, no século XIX. Nessa época, o Brasil era dividido entre Norte e Sul. As subdivisões Nordeste e Sudeste, assim como Centro-Oeste, foram criadas no século seguinte, o que significa dizer que a construção discursiva dessas unidades geográficas como identidades regionais e culturais não partiu do povo de cada região, como nos quer fazer crer a mitologia romântica, que viabilizou a sua inserção no panorama nacional. Se acreditarmos que Sergipe, como comarca da Bahia, inseria-se na região Leste do Brasil, como os antigos livros didáticos de geografia nos ensinavam, sua identidade regional como Nordeste é tardia e forçada, pois a nordesti-

nidade sempre foi uma pauta de reivindicação mais pernambucana do que baiana. Por outro lado, a demanda de uma música ou poesia originalmente sergipana, ou de um falar tipicamente sergipano, além de concorrer para a perpetuação de pressupostos românticos e naturalistas de arte e cultura, e de incorrer em erros históricos e de interpretação, enrijece a sensibilidade para um mundo cada vez mais marcado pela diversidade.

As políticas de financiamento cultural do Estado, em todos os seus níveis – municipal, estadual e federal –, têm investido na ideia de cultura popular folclórica, que é dotada de uma ancestralidade artificial que a faz manifestação legítima do regional, desprezando manifestações culturais supostamente importadas em nome de uma xenofobia cultural, que despreza o funcionamento contemporâneo da própria cultura, o que ocorre por conta da força discursiva da ideia de identidade regional, a qual dá suporte à noção de sergipanidade. Isso para não falar da massificação da cultura pop como um fenômeno que, embora possa ser compreendido como uma imposição, sobretudo dos enlatados norte-americanos, é capaz de mostrar o seu potencial transgressor, mediante uma política cultural da diferença, deslocando, ao conquistar seu espaço, as disposições de poder da política cultural do Estado e das grandes corporações midiáticas. Mas isso já é outra conversa. ■

Pirão de Capão

Amaral Cavalcante
Ilustrações: Edson Lima



Põe-se a mesa. Na terrina de louça com flores brancas em relevo, o pirão dourado aguarda fumegante. Posta exatamente em cima do bordado central na toalha de linho, a terrina reina. Deu-se a ela, naquele almoço de Senhora Sant'Ana, o privilegiado centro de tudo, e ela, com a nobreza de prato principal, traz para perto de si um respeitável séquito: o guisado de capão-mor com batatas do reino boiando em calda, a farofa de água com ovos desmanchados, a quiabada esquisita, um arroz soltinho de alvuras memoráveis e o enfarruscado feijão numa cuia de ágata, destituí-

do de qualquer nobreza naquela mesa festiva, senhor que sempre fora nos cotidianos de comilança simples na velha casa dos Cavalcante, em Simão Dias.

Começara no dia anterior com o pega-pega no galinheiro, a família alvoroçada na cerca, aos gritos:

– Tange pro canto! Cai por cima do capão, molenga!

Atingido nos brios, agarrei-o pelo pé, quando o condenado escorregou no poleiro e, num voo em direção a nada, passou perto demais.



Foi pro toco morrer por nós. Três batidinhas no pescoço e... corta!

Lá está o finado capão pelado e tratado, derramando gorduras no alguidar.

– Tá na mesa!

Que nada, falta o pai que foi comprar refrigerantes na padaria de Seu Oscar e nenhum de nós, as crianças, arriscaria largar a senti-

nela no batente da rua, cada qual disputando a primazia de ganhar a primeira Coca-Cola geladinha de estufar vermelhidão nos olhos e provocar arrotos permitidos.

– Senão, o gás astupora! – Os refrigerantes eram raríssima confirmação de grandes festividades gastronômicas, lá em casa.

Sentemo-nos, finalmente! Numa cabeceira a tia-avó Miliana,

tida como espiã de Vó Terezi-nha, sogra malquerida de mãe Corina.

Miliana, que já achara a costela de porco mal assada, e a quiabada gosmenta, endireitou os óculos de falsa tartaruga no nariz adunco, a mãozinha com o anel de rubi sobre o peito estufado e atacou:

– Essa toalha foi da minha mãe, como é que veio parar aqui?

Herdáramos, com a casa senhorial em decadência, alguns baús de panos. Entre anáguas e outras roupas de baixo, aquela toalha de linho branco, profusamente bordada em ponto cheio, fora o nosso melhor proveito nobiliárquico.

Mãe Corina, sanguínea e boa de briga, sibilou certa:

– Tava junto com suas calçolas de morim, naquele baú velho

que ficou. E sorriu, raro sorriso, querendo mais.

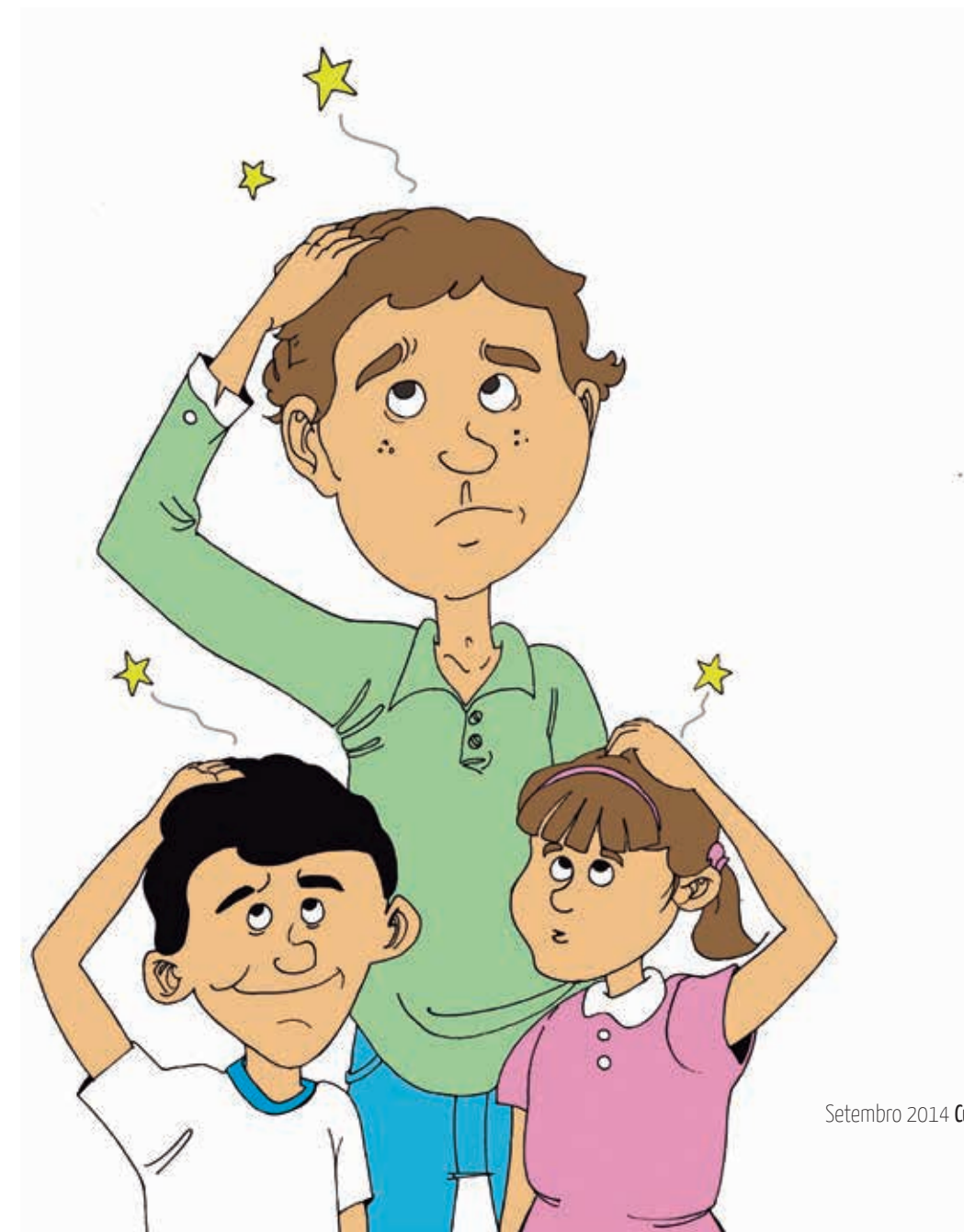
Emiliana Néry, professora jubilada às voltas com o inaceitável caritó, enrubescu e, balbuciando impropérios, entregou-se à escandalosa lembrança das suas memoráveis calçolas.

Nós, as crianças, metidas em engomadas roupas de festa, tínhamos direito a tudo: choramingos, não gosto disso, briga de macarrão, bicudos por baixo

da mesa. Até que alguém, disputando a moela, entornasse o caldo na alvura impecável da toalha e aí, até para ministrar boa educação em presença da visita, papai assumia a farta distribuição de cascudos:

– Pro quarto, de castigo, os três!

Era essa a festa lá de casa, em louvor a Sant’Ana: comida farta e cascudo. 



Haveres
do Século
XIX

Santo Amaro: do obscurantismo
à luz da história

MEMÓRIAS DE UMA FRATERNIDADE CRISTÃ

A JUC E O PADRE LUCIANO DUARTE

ORGANIZADORES

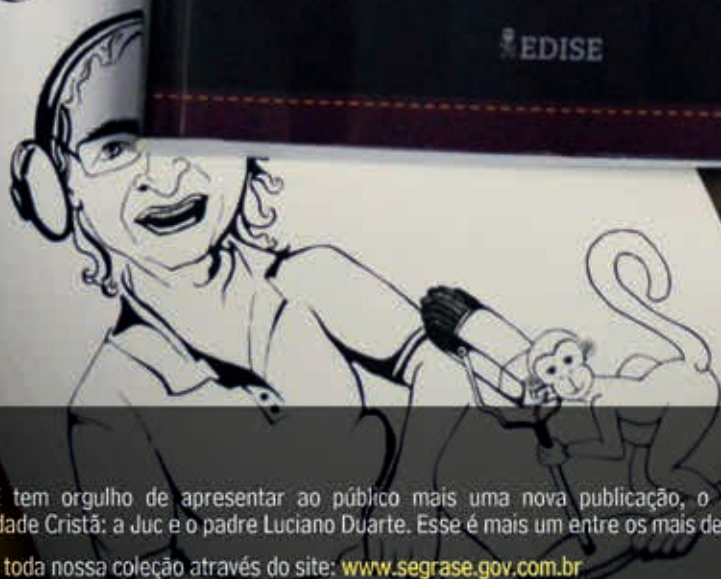
CARMEN MACHADO COSTA
CLARA LEITE DE REZENDE
GERALDO DE OLIVEIRA
JOSÉ ALEXANDRE FELIZOLA DINIZ
JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA
SALVADOR DE OLIVEIRA ÁVILA
WELLINGTON SANTANA

EDISE

LANÇAMENTO

EDISE

PAGAN



A EDISE tem orgulho de apresentar ao público mais uma nova publicação, o livro Memórias de uma Fraternidade Cristã: a Juc e o padre Luciano Duarte. Esse é mais um entre os mais de 45 livros de nosso acervo.

Conheça toda nossa coleção através do site: www.segrase.gov.com.br



EDISE

トシロ ちょう

トシロ ぱいこ

トシロ みるこ

トシロ みるみ

トシロ くらみ

トシロ くらみ

